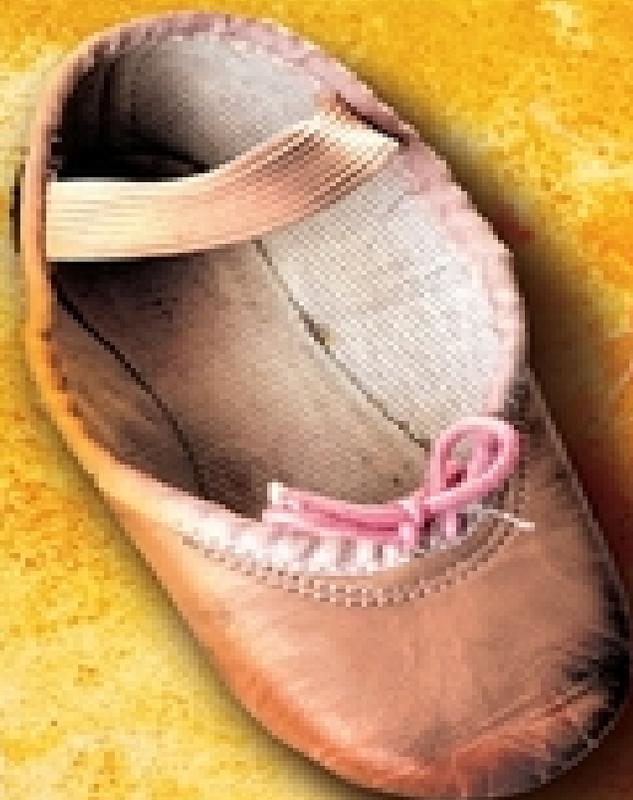


A Will Trent  
short story

# KARIN SLAUGHTER

The No. 1 Bestselling Author

# SNATCHED



# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Karin Slaughter - Wíll Trent 5.5, - Intuição

## **SINOPSE**

Wíll Trent, um agente de Escritório de Investigação da Geórgia, sabe que existe algo assim como um sentido da intuição desenvolvido pelos policiais. Por isso, quando

em um asseio no Aeroporto Internacional de Atlanta escuta a uma menina suplicando “Por favor, quero ir para casa”, dá-se conta de que algo não vai bem: sente em

suas vísceras.

Entretanto, Trent demorou muito em atuar, e agora a menina e o inquietante homem que a acompanha desapareceram entre a multidão do aeroporto com mais trânsito de

passageiros do mundo.

Depois de uma urgente busca contra o relógio, Trent notifica, Amanda Wagner, sua chefe. E sua parceira, Faith Mitchell, e ativa um alarme de seqüestro infantil imediatamente.

Uma desesperada investigação está a ponto de desenvolver-se neste monumental aeroporto só porque Wíll tem uma intuição: uma menina de seis ou sete anos foi seqüestrada.

E ele a trará de volta, sem importar o que custar.

## **A RESPEITO DA AUTORA**

Karin Slaughter é autora de várias séries de novelas criminais situadas todas elas no sul dos Estados Unidos. Como boa residente de Atlanta que é, divide

seu tempo entre a cozinha e a sala de estar. O número da traição e Palavras rotas (da série protagonizada pela Sara Linton, Wíll Trent e Faith Mitchell) foram publicadas

também pelo Rocaeditorial.

Intuição é uma das três novelas curtas que Rocaeditorial oferece aos leitores do Slaughter solo em formato digital. As outras duas são A bênção e Um coração

gelado.

[www.karinslaughter.com](http://www.karinslaughter.com) [www.leonovelanegra.com](http://www.leonovelanegra.com)

## **A RESPEITO DE SUAS OBRAS**

“Te tire de enmedio, Catherine Coulter... Slaughter é, provavelmente, a melhor novelista de incerteza de hoje em dia.” LIBRARY JOURNAL

“De um realismo avassalador. Slaughter escreve com confiança e paixão.” Washington POST

### Capítulo 1

O agente especial Will Trent se sentou na última cabine dos assentos para cavalheiros, entre as portas C-38 e C-40 do aeroporto internacional do Hartsfield

Jackson, em Atlanta. Olhava a porta fechada da cabine, tratando de não ouvir como alguém utilizava o urinário. Através dos alto-falantes de acima se ouvia uma música

de fundo: Need you now, do Lady Antebellum. Ao princípio, a canção recordou a sua noiva, Sara Linton, mas, depois de escutá-la uma e outra vez, umas dezesseis nas

últimas cinco horas, quão único desejava era colocar os dedos na tomada e eletrocutar-se para não voltar a ouvi-la nunca mais.

No Escritório de Investigação da Geórgia havia muitos trabalhos que não eram do agrado dos agentes, como, por exemplo, investigar os antecedentes dos proprietários

das lojas que queriam vender bilhetes de loteria, ou introduzir-se de incógnito nas salas de bingo para assegurar-

se de que não extorquiam às anciãs. Entretanto,

não havia nenhum que fosse mais odioso que vigiar os  
asseios dos homens do aeroporto mais concorrido do  
mundo.

Nas páginas de Internet apareciam listrados dos melhores  
asseios nos que os passageiros masculinos podiam  
encontrar sexo anônimo. Hartsfield sempre ocupava

o primeiro posto. Os blogueros mencionavam as melhores  
horas para praticar o chamado cancaneeo, o tipo de homem  
que se podia encontrar em cada sala, assim como as

muito diversas e favoritas contorções que deviam  
empregar-se para olhar por debaixo das cabines.

Ao Wíll não importava o que pudessem fazer dois adultos  
livremente. Quão único desejava é que não o fizessem em  
lugares públicos nos que pudessem entrar

meninos. Normalmente, todas as manhãs, passava a  
primeira meia hora navegando por essas páginas de  
cancaneio e escrevendo comentários anônimos sobre que  
tinha visto

um agente de polícia vigiando as cabines.

Mesmo assim, esses idiotas continuavam aparecendo.

Oitenta e nove milhões de passageiros ao ano. Cinco  
pistas. Sete salas de embarque. mais de cem restaurantes.  
O dobro de lojas. Um sistema de transporte

automatizado de passageiros. Uma estação de ferrovia.  
mais de um milhão e meio de metros quadrados que se  
estendia ao longo de dois condados, três cidades e cinco

jurisdições. Setecentos e vinte e cinco inodoros e trezentos e trinta e oito urinários.

Esses últimos detalhes resultavam mortificantes em especial, já que provavelmente veria todos os urinários do aeroporto antes de falecer. E tudo porque não se cortou o cabelo.

O manual do GBI exigia que os agentes levassem o cabelo talhado ao menos dois centímetros por cima do pescoço. Amanda Wagner, sua chefe, tinha-lhe posto

uma regra na nuca uns dias antes. Wíll não tinha ultrapassado o limite, mas ela não era das que deixavam que os fatos se interpor em suas decisões. Ao ver que Wíll

não ia correndo ao cabeleireiro, atribuiu-lhe o trabalho dos asseios até nova ordem. Por ele, podia sentar-se a esperar, pois a Sara gostava que levasse o cabelo

comprido. Gostava de passar os dedos por seu cabelo, deslizar as unhas por seu couro cabeludo.

Isso significava que havia muitas probabilidades de que permanecesse nesse posto até a morte.

Um homem entrou no asseio, dizendo: “O que lhe disse é: “Se você não gostar, pode-te partir””.

Wíll voltou a apoiar a cabeça sobre a parede e fechou os olhos. Durante os últimos dias, deu-se conta de que um grande número de pessoas falava pelo móvel

enquanto utilizava o asseio. Um dos empregados da limpeza lhe havia dito que uns sete milhões de pessoas se deixavam inadvertidamente o telefone nos inodoros. Wíll

rezou para que esse gilipollas fosse um deles.

Mas não teve tanta sorte.

Ouviu a cisterna. O homem partiu sem lavá-las mãos. Isso tampouco lhe surpreendeu. Nas duas últimas semanas, tinha presenciado mais faltas de higiene que

durante toda sua vida.

Tirou o telefone móvel para olhar a hora. Os números brilharam por um instante, mas logo a tela ficou em branco. Uma sessão maratoniana jogando o Buscaminas

lhe tinha deixado quase sem bateria. Teria que carregá-lo durante a hora do almoço, que, felizmente, estava tão perto que lhe dava a desculpa perfeita para deixar

seu posto. A hora ponta dos viajantes de negócios tinha passado. Outra manhã sem nenhum arresto. Esperava ter a mesma sorte durante a tarde. Provavelmente, era o

único polícia do planeta que se alegrava de pôr um zero na coluna de resultados.

Levantou-se. Os joelhos lhe rangeram. Estirou os braços em direção ao teto para que sua coluna vertebral adotasse uma postura mais propícia para caminhar.

Um espasmo lhe fez dobrar-se quase pela metade. Não estava feito para passar o dia sentado. Preferia estar perseguindo galinhas que fazer aquele trabalho, ao menos

assim faria um pouco de exercício.

Por volta das dez da manhã, estava acostumado a tomar seu segundo café da manhã, consistente em um sanduíche

de frango frito. Ao meio dia, dirigia-se ao

Nathan's Hotdogs para pedir o menu número três. Às duas, tomava um bollito, e às quatro e meia, quando ia caminho do estacionamento, um sorvete ou um pão doce de canela.

Se não morria de aborrecimento, fariao de um ataque ao coração.

A porta da cabinao contigüa se abriu. A contra gosto, Wíll voltou a sentar-se sobre a taça e esperou. Os Lady Antebellum voltaram a soar nos alto-falantes.

Teve que conter-se para não gritar, pois tinha pensado que demorariam ao menos uns trinta minutos em voltar a pôr o disco. A canção lhe perfurou os tímpanos como um punção.

Nesse momento, ouviu sussurrar a uma menina:

-Por favor, quero ir a casa.

Wíll girou a cabeça, apesar de que quão único podia ver diante dele era a parede que tinha ao lado. A voz da cria tinha um tom lastimero que lhe chegou ao

mais fundo. Wíll se agachou e viu uma par de sapatilhas de balé Hello Kitty, com o cós rosa, além de uns diminutos tornozelos ocultos depois de uns meias três-quartos

brancos. O homem que estava detrás dela levava umas esportivas cinzas da marca Brooks. As calças militares cor marrom clara tinham a prega muito alta, e deixavam

ao descoberto uns meias três-quartos brancos.

-Vamos, vê ordenou o homem. Rápido.

Os pequenos pés se giraram lentamente. Os pés grandes ficaram como estavam.

Wíll se ergueu. Olhava a porta que tinha diante. Havia números de telefone de acompanhantes e conselhos sobre os melhores clubes de striptease. Sabia todos

de cor.

-Date pressa espetou o homem. Disse algo mais, mas o fez em voz tão baixa que Wíll não pôde lhe entender.

A menina se sorveu o nariz, o que lhe fez perguntar-se se estava chorando. Também se perguntou por que lhe tinha arrepiado o pêlo da nuca. Levava quinze

anos sendo agente do GBI, e desde o começo soube que existia isso que se chama intuição policial.

Algo estava passando. Pressentiao.

Levantou-se da taça do váter. Tinha pego um esparadrapo em cima do sensor automático para evitar que a cisterna funcionasse constantemente. Atirou dele e

deixou que o som da água anunciasse sua presença.

Houve uma sutil mudança no ambiente, como se o homem ficasse repentinamente à defensiva.

Wíll abriu a porta da cabine. Levava a placa no cinturão, mas a tirou para guardar-lhe no bolso e não alarmar a aquele tipo. Tinha entregue seu Glock e sua

cartucheira aos de segurança, mas levava as algemas colocadas cuidadosamente na bolsa de pele que pendurava

na parte baixa de suas costas.

Embora isso importava muito pouco, porque não se podia prender um homem por lhe falar com brutalidade a sua filha. De ser assim, a metade da população estaria na prisão.

Não obstante, pressentia que estava acontecendo algo mau.

Aproximou-se até a pilha e pôs as mãos debaixo do grifo para que caísse a água. Esperou, olhando no espelho a cabine fechada. Ainda podia ver os talões do

homem por debaixo da porta. As esportivas pareciam novas. A prega estava rasgada na parte traseira das calças, e tinha utilizado um grampeador para costurá-lo.

Transcorreram uns segundos. Um minuto. Finalmente, os pequenos pés se posaram de novo no chão.

Soou a cisterna. Wíll esperou até que ouviu deslizar o ferrolho. A porta da cabine se abriu. Olhou ao homem: cabelo curto de cor castanha, grosas óculos

escuros. Voltou a olhar de novo suas mãos sob o grifo. O homem levava uma jaqueta verde que ficava bastante grande. Era alto, quase tanto como ele, mas provavelmente

pesava uns doze quilogramas mais, quase todos acumulados na barriga. Teria uns cinqüenta anos. Resultava difícil saber a idade da menina, uns seis ou sete anos.

Levava um traje estampado. O pescoço de cor rosa fazia jogo com seus sapatos.

Tudo bem? perguntou Wíll de forma casual.

O homem não respondeu. Um olhar nervoso lhe fez desenhar uma careta antes de dirigir-se à saída, arrastando à menina consigo.

A visão periférica do Wíll lhe observou enquanto saía do asseio. No último minuto, o homem agarrou do braço à menina e atirou dela.

Não havia dúvida. Algo ia mau.

Wíll esperou uns segundos antes de segui-los. Ao sair, observou a seu redor, e viu que o homem olhava inquieto por cima do ombro. Estava procurando a sua

esposa? Estava zangado? Ou estava ocorrendo algo mais?

A sala do terminal estava cheia dos típicos viajantes que arrastavam suas bagagens. Wíll esquivava a uns e outros, curvado, já que sua altura fazia que destacasse

por cima da multidão. Viu o homem dirigir-se para as escadas rolantes que conduziam ao corredor de transporte. Tirou o móvel enquanto lhe seguia. Tentou procurar

o número do Faith Mitchell, mas o telefone não respondeu porque se ficou sem bateria de tanto jogar o Buscaminas. Amaldiçoou enquanto o guardava de novo no bolso.

Além disso, o que ia dizer a sua companheira? Que tinha visto nos asseios a um homem comportar-se de forma muito brusca com sua filha? Que o tipo não parecia

ser a classe de pessoa a que lhe preocupasse que o cós rosa do pescoço de sua filha fizesse jogo com o rosa de seus sapatos do Hello Kitty?

O que aconteceria de verdade fosse sua filha?

Viu a parte superior da cabeça da menina. Tinha o cabelo loiro, quase amarelo. O cabelo do homem era de um tom moreno antinatural, provavelmente porque o

tinha tingido. Significava isso que não era seu pai? Wíll não tinha tido irmãos nem irmãs, mas sabia que o cabelo se obscurecia à medida que te fazia maior. Pelas

fotos que tinha visto de quando era pequeno, sabia que seu cabelo castanho claro tinha começado a encanecer.

Além disso, aquele homem podia ser seu padrasto.

Fosse quem fosse, não era muito carinhoso com a menina. Ao chegar à parte baixa das escadas rolantes, levantou o braço e lhe fez subir dois degraus de

uma vez, empurrandoa para o trem que levava aos outros terminais.

Tome cuidado! protestou uma mulher, mas o homem já se estava dirigindo ao primeiro vagão do trem.

Havia dois jogos de portas, mas utilizou as mais afastadas, quer dizer, as que estavam mais perto da saída, com o fim de assegurar-se de ser um dos primeiros

em sair.

Wíll ouviu esse anúncio tão familiar que advertia que o trem estava a ponto de partir. Empurrou a um casal que havia diante, esperando parecer um viajante

normal que ia com pressas enquanto corria para o primeiro vagão. Utilizou a segunda série de portas. Deu um salto no

último instante e subiu ao vagão antes de que soasse o último aviso.

Os passageiros se cambalearam quando o trem saiu do terminal C. O vagão estava cheio. Wíll olhou a tela onde se podia seguir o percurso do trem. Havia três

paradas mais antes de chegar à sala de recolhimento de bagagens e a saída.

Wíll tentou ser o mais discreto possível enquanto procurava o homem e à menina. No centro do vagão, havia um grupo de pilotos Delta e de assistentes de vôo.

Viu algumas casais e homens de negócios apinhados a seu redor. A maioria da gente olhava seus iPhones e Blackberries. Wíll localizou ao homem na parte dianteira

do vagão. Ainda seguia diante das portas.

O cabelo moreno cobrou sentido nesse momento. Era uma peruca. Aqueles óculos grosas e escuras provavelmente também fossem falsas. O homem as ajustou no nariz

para olhar o relógio. Logo baixou o olhar. Wíll pensou que estaria olhando à menina. Em seu rosto não havia a mais mínima compaixão, solo rabia, com um deixe de

ansiedade.

Wíll se ajoelhou, simulando atar o sapato. Viu a perna de uma mulher e logo à menina. Tinha o cabelo loiro como a palha. Estava pálida e brotavam lágrimas

de seus olhos profundamente azuis.

Lhe olhou fixamente, e seu olhar foi como uma punhalada no coração. Não havia dúvida de que estava aterrorizada.

Mas estava assustada porque se encontrava em um aeroporto lotado e rodeada de estranhos? Porque ia a um funeral? Ou porque ia visitar um parente doente?

Wíll se levantou. Nos últimos três dias, não tinha feito outra coisa que vigiar os asseios, e pode que todo aquilo fossem imaginações delas. Também cabia

a possibilidade de que ser polícia lhe tivesse convertido em uma pessoa excessivamente desconfiada.

Ou pode que estivesse no certo.

ficou de costas ao homem e à menina. Quão piloto estava a seu lado olhava seu correio eletrônico.

-Ouça disse em voz baixa. Lhe olhou, como se pensasse que a ia agredir, mas Wíll tirou a placa, sustentando a de tal forma que ninguém mais a visse. Necessito

seu telefone.

Ela o deu sem lhe fazer nenhuma pergunta. Wíll voltou a agachar-se, simulando uma vez mais atá-los sapatos. Esperou a que a gente se movesse e logo lhe fez

uma foto à menina. levantou-se para enfocar ao homem, mas o trem se sacudiu ao deter-se. Comportaas se abriram. Os pilotos Delta saíram. Então, entre ele e o homem

só ficavam umas quantas pessoas.

-Não vem? perguntou um dos assistentes de vôo.

A piloto lhe fez um gesto e respondeu:

-Agora vou. Me esqueceu o plano de vôo.

O assistente pareceu não acreditar-se aquela desculpa, mas a gente que subia ao trem impediu que pudesse lhe pedir mais explicações. ouviu-se de novo a débil

voz de uma mulher avisando de que o trem estava a ponto de sair. Wíll olhou a tela. Ainda ficavam duas paradas mais para chegar ao terminal principal. Marcou um

número que sabia de cor e lhe enviou a foto da menina ao Faith Mitchell, sua companheira. Logo lhe devolveu o telefone a piloto.

-Obrigado.

Lhe respondeu com um gesto de assentimento e agarrou o aparelho. Wíll observou que olhava a seu redor, tratando de dissimular sua curiosidade. A maioria

dos pilotos Delta tinham sido treinados nas Forças Aéreas, por isso estavam tão preparados para entrar em combate para fazer aterrissar um 747. A mulher parecia

disposta a lhe emprestar seu apoio, mas ele carecia de uma justificação legal para deter o homem.

A menina podia ser sua filha, sua neta ou sua enteada. Pode que não fossem a nenhum funeral nem a visitar um parente doente; talvez a menina estivesse cansada

e zangada depois de um comprido viaje. Ao igual ao homem. Muitas pessoas desafogavam seu mau humor com seus filhos. Não era nada do outro mundo.

O trem reduziu a velocidade ao chegar ao terminal A. Uma vez mais, entraram e saíram um grande número de

peessoas. A piloto se encolheu de ombros, desculpando-se antes de baixar. Voltou a lhe olhar antes de arrastar sua mala e dirigir-se ao trem que ia em direção contrária.

Comportaas se fecharam. Wíll notou que alguém lhe observava. Deixou passar alguns segundos, mas seguia tendo essa mesma sensação. Depois de uns instantes,

deu-se a volta para olhar de forma casual. Seus olhos se cruzaram com os do homem. Havia frieza em seu olhar, mas não ansiedade nem preocupação.

O trem voltou a reduzir a velocidade ao chegar ao terminal T. Wíll se dirigiu para a porta, e viu o reflexo de sua imagem no cristal. O traje e a gravata

que levava lhe faziam parecer outro passageiro mais do aeroporto. A única coisa diferente é que não levava bagagem, nem tão sequer sua maleta.

Tirou o móvel e simulou estar procurando um número de telefone. Provavelmente, Faith estaria telefonando a piloto Delta, para lhe perguntar por que lhe tinha

enviado a fotografia de uma menina. sentiu-se terrivelmente inútil. Não havia nada que indicasse que aquele homem estivesse fazendo algo mau. Muitos meninos choravam

sem razão alguma. Muitos queriam retornar a sua casa depois de um comprido viaje.

A porta se abriu. A multidão começou a sair antes de que anunciassem pelos alto-falantes que a sala de recolhimento de bagagens estava na seguinte parada.

Wíll desceu do trem. Manteve o olhar no móvel enquanto andava. Ouviu que se fechava a porta e o trem empreendia a marcha. Notava que o homem lhe estava olhando e

levantou a vista no último momento. O tipo seguia de pé, no centro do vagão, com as pernas separadas para rebater o movimento do trem. Aferrava à menina pelo braço.

Levantou a comissura da boca para esboçar um sorriso de cumplicidade.

Logo desapareceu.

Wíll subiu as escadas rolantes de dois em dois. A gente nem se incomodava em tornar-se a um lado para deixar passar às pessoas que não queriam esperar, ou

não se davam conta de que aquilo era um comportamento incívico. Wíll escutou seus desagradáveis comentários enquanto se abria passo para chegar à parte superior

do terminal.

O aeroporto não anunciava a saída através do terminal T, provavelmente porque na parte superior das escadas automáticas havia muitas pessoas saindo do Departamento

de Segurança. A maioria não tinha a mais mínima idéia de aonde se dirigia, e olhava as telas com a boca aberta, sem poder recordar seu número de vôo nem localizar

a porta de embarque que lhe correspondia.

Wíll teve que apartar a uns quantos para poder passar entre a multidão. aproximou-se do mostrador de segurança e lhe mostrou sua placa ao agente da Administração

de Segurança no Transporte, o TSA, mas logo não soube o que dizer.

-O que acontece, amigo?

Pensou na menina, no medo que denotava sua voz quando disse que queria retornar a sua casa, na forma em que aquele tipo a tinha miserável como se fosse uma

boneca de trapo e no sorriso de triunfo que pôs quando o trem se afastou.

-Necessito que chame à comandante Livingston e lhe diga que possivelmente estejam seqüestrando a uma menina.

O agente agarrou o auricular e começou a marcar o número. Dirigindo-se ao Wíll, disse:

-Demoram-se uns quinze minutos em cercar este lugar.

-Jaqueta verde, calças marrom clara, peruca de cor castanha. A menina terá seis ou sete anos, traje estampado e sapatos brancos do Hello Kitty, tipo sapatilhas

de balé. Poderia me deixar seu móvel?

O homem o deu enquanto falava pelo telefone fixo.

-Código Adam. Necessito urgentemente ao Livingston.

Wíll não ficou esperando. dirigiu-se para a saída, notando que lhe observavam centenas de câmaras. A comandante Vanessa Livingston estava a cargo do recinto

do aeroporto do Departamento de Polícia de Atlanta. Seus oficiais reforçavam ao TSA na gestão dos muitos roubos, assaltos e peque-ños delitos que se cometiam em

um lugar que recebia cada dia quase um quarto de milhão de usuários. Os agentes que controlavam as câmaras já teriam feito um seguimento do Wíll no aeroporto e no

trem, por isso disporiam de um vídeo do homem e da menina. Provavelmente, mostrariam-no na vista formal do Wíll, na qual seria despedido por acossar a um pai inocente e a sua filha.

Marcou o número do Faith no móvel do agente do TSA. Ela respondeu ao primeiro timbrazo.

-Mitchell.

recebeste a foto?

-Sim. O que acontece?

-Acredito... -Wíll se deteve, mas já era muito tarde para retratar-se. Acredito que seqüestraram à menina. desculpou-se ao tropeçar com um passageiro.

Lhe vi com ela nos asseios. Não sei, Faith, mas há algo que me dá mau espinho.

-Já estou nisso disse ela.

Wíll se meteu o móvel no bolso e acelerou o passo.

Uma porta giratória conduzia ao terminal Sul, que a sua vez levava aos estacionamento públicos, e logo à saída. Não esperou pacientemente na cauda e se

meteu na porta antes de que ninguém pudesse impedi-lo. O terminal estava lotado de viajantes. As caudas para comprar os bilhetes se moviam lentamente dentro das

passarelas. Viu alguns Jaquetas Vermelhas ajudando a que o tráfego circulasse de forma fluída. Wíll correu para as enormes escadas rolantes que levavam aos passageiros

do trem até a saída. deteve-se na zona reservada para os táxis. Os cidadãos que levavam uma pancarta da USO (United Service Organizations) começaram a saudar e a

aclamar a alguns soldados que tinham chegado à parte superior das escadas.

-OH, OH disse um dos taxistas. Acredito que vai haver problemas.

Um policial em um transportador pessoal passou a seu lado. Dois mais se aproximaram a pé, com as mãos nas pistolas, para evitar que lhes golpeassem nos quadris

enquanto se dirigiam para as escadas rolantes.

Provavelmente, a comandante Livingston também estaria de caminho. Tinha começado a trabalhar na polícia com a chefe do Wíll, muitos anos antes, mas ainda

seguiam sendo boas amigas. Amanda seguro que também estaria de caminho desde seu escritório na cidade. Faith estaria fazendo uma chamada Levi, quer dizer, uma chave

empregada na Geórgia para alertar do seqüestro de um menino. Todo o aeroporto se deteria.

Oitenta e nove milhões de passageiros ao ano. Cinco pistas. Sete terminais. mais de cem restaurantes. O dobro de lojas. Um transporte de passageiros. Uma

estação de trem. Tudo se fecharia em um instante porque Wíll tinha tido uma intuição.

Notou que uma gota de suor lhe corria pela bochecha. Esperava que realmente se estivesse cometendo um delito.

A multidão que levava pancartas com símbolos da USO começou a gritar animadamente ao ver que chegavam mais soldados. Wíll olhou na sala de bagagens, perguntando-se

se tinha perdido ao homem e à menina. A saída através do terminal T era mais rápida, mas se tinha detido durante bastante momento no Departamento de Segurança. Olhou

para o outro lado do terminal, a Norte, a menos utilizada. Alguns lentos perambulavam comprovando seus telefones, sem dar-se conta de que os táxis estavam ao outro

lado.

Wíll se deu a volta e quase tropeça com uma mala que uma mulher arrastava como se fosse uma cauda. Caminhava cabisbaixa, lendo o correio eletrônico e sem

dar-se conta de que estava entorpecendo a todo mundo. A isso Wíll veio muito bem, pois de não ter sido assim não teria visto o homem com a menina.

A jaqueta verde foi o primeiro que divisou. O tipo estava a uns cinqüenta metros, ao outro lado da sala de bagagens. Wíll viu a parte superior de sua cabeça,

sua peculiar peruca e seus óculos grosas enquanto o homem baixava as escadas rolantes que conduziam para o estacionamento.

Topou-se com uma maré de gente enquanto cruzava a sala de bagagens. Teve que saltar por cima de um carrinho de malas no momento oportuno para evitar cair

de bruces, embora isso não impediu que a gente começasse a lhe gritar. Um homem incluso lhe agarrou do braço, mas se desprende dele com facilidade, baixou as escadas

e se dirigiu ao túnel subterrâneo.

Viu o homem diante dele. Atirava da menina. Ela parecia coxear e arrastar os pés pelo chão de ladrilhos. Tropeçou e perdeu um dos sapatos, mas o homem não

deixou que se detivera para recolhê-lo. A porta dobro de cristal se abriu. O tipo olhou seu relógio. Cruzou a porta, voltou a olhar o relógio e depois desapareció

da vista do Wíll.

Ele agitou os braços no ar, esperando atrair a atenção do agente que estivesse controlando as câmaras de segurança. Agarrou o sapato da menina e cruzou o

túnel correndo. Ao chegar à porta reduziu o passo, tratando de manter a distância enquanto seguia ao homem através do corredor subterrâneo.

Ao igual a acontecia com a saída do terminal T, poucos passageiros conheciam a existência do corredor. Era um espaço relativamente privado, apesar de ter

a longitude de um campo de rugby. Uma estrada de quatro sulcos separava o aeroporto principal da planta inferior dos estacionamentos. A essa hora do dia, essa zona

estava quase deserta.

Em lugar de cruzar a estrada e dirigir-se à garagem, o homem subiu pela calçada, seguindo a mesma direção que o tráfico. Wíll se meteu o sapato da menina

no bolso. Era tão pequeno que lhe cabia na palma da mão.

Estava proibido que os carros se detiveram debaixo do aeroporto, mas muitos condutores se arriscavam a que os multassem e permaneciam ali com o motor ao

ralentí, para não pagar o elevado preço do estacionamento. A saída estava perto, e se podia enlaçar com a interestadual ou girar de novo para o aeroporto. Era o

lugar perfeito de encontro se se tinha intenção de sair rapidamente dali.

Wíll viu uma caminhonete de cor vermelha brilhante estacionada vários metros por diante. Tinha um adesivo da Universidade da Geórgia no pára-lama, e uma

decalcomania do NRA<sup>1</sup> no guichê traseiro da cabine. O condutor levava um chapéu vaqueiro. Quando passou a seu lado, Wíll viu o homem cuspir em um copo de plástico

vermelho. O tipo lhe saudou, e lhe devolveu o gesto.

Então, justo diante, viu a menina emitir um gemido ao dar um tropeção. O homem atirou dela violentamente. Ela se esforçava por poder ir a seu ritmo, caminhando

nas pontas dos pés. O tipo voltou a olhar o relógio, e logo por cima do ombro. Wíll ficou tenso, mas se deu conta de que o homem olhava ao tráfico, não a ele. ficou

observando um Chevy Malibu de cor negra. Uma vez mais, voltou a olhar o relógio, e também por cima do ombro. Resultava óbvio que estava esperando que alguém lhe

recolhesse. ia intercambiar a menina? ia recolher a outra e levá-la a outro lado do país?

O aeroporto com mais passageiros do mundo. mais de três mil vôos ao dia. mais de duzentas portas. mais de cento e trinta destinos diferentes. mais de um

milhão de formas de traficar com meninos tão dentro como fora da cidade, por não dizer do país.

Wíll viu detrás dele a um Toyota Prius que ronronava. Um carro patrulha avançava lentamente detrás da caminhonete vermelha. Fez-lhe um gesto ao oficial para

que retrocedesse, mas foi muito tarde, pois o condutor da caminhonete fez soar a buzina.

-Vamos gritou o homem com o chapéu vaqueiro. O motor da caminhonete rugiu ao empreender a marcha.

Wíll se girou de novo, procurando o homem e à menina, mas tinham desaparecido.

-Mierda -vaiou.

Olhou o corredor, procurando desesperadamente a jaqueta verde e a peruca.

O Prius. Tinha estacionado diante da saída mais longínqua. Wíll correu para o carro. Aferrou o ponteiro de relógio e abriu a porta. A mulher que estava no

interior do carro gritou, aterrorizada. ficou as mãos na cara. Apertou o pedal. Wíll olhou no assento traseiro. Tinha a bandeja levantada e viu que o porta-malas

estava vazio.

A porta quase lhe pilha a mão quando a mulher acelerou.

O policial saiu do carro patrulha. Viu o Wíll e fez um gesto lhe assinalando o estacionamento, indicando que se dirigia para ali para ver se os encontrava.

Wíll correu uns quantos metros, pensando que devia olhar no segundo túnel peatonal que havia no extremo oposto do corredor. Pode que o homem tivesse retornado

ao aeroporto, já que provavelmente se teria assustado. O ponto de encontro estava comprometido. Se sabia o que fazia, não se deixaria levar pelo pânico, ao menos

não por muito tempo.

Wíll se deteve.

Tinha que haver um plano de apoio. Sempre o havia.

Entrou na planta baixa do estacionamento. Olhou a ambos os lados, girando a cara como um pêndulo enquanto procurava em vão algum rastro do homem e da menina.

Não viu a peruca postiça. Nem a jaqueta verde. Nem as calças militares. Nem o pé com meias três-quartos que tinha perdido um sapato.

Tampouco viu o agente de polícia olhando entre os carros.

Onde se tinha metido?

Tirou o telefone móvel do agente do TSA. Viu que tinha uma chamada perdida do Faith. Deu-lhe ao botão verde para devolver a chamada. Enquanto escutava o

timbre, olhava o estacionamento, perguntando-se se o homem já se teria subido a algum carro. Se o tinha feito, não poderia sair sem que lhe agarrassem. Wíll conhecia

de sobra o procedimento. Código Adam. Menino desaparecido. demoravam-se quinze minutos em cercar todo o aeroporto, mas começavam pelas vias de saída. Deteriam todos

os carros nas cabines dos estacionamentos. Registrariam os porta-malas, baixariam os assentos e verificariam todos os nomes e placas de matrícula.

Faith respondeu depois do segundo tom.

- Fizemos uma chamada de alerta máxima. A foto já está na televisão. bloquearam-se todas as saídas.

- Perdió na planta baixa do estacionamento, no lado sul.

- Viram-lhe nas câmaras de segurança. Uma equipe se dirige para ali.

- Não posso esperá-los disse Wíll antes de pendurar e meter o móvel no bolso enquanto cruzava a rua.

A caminhonete vermelha se movia lentamente diante da entrada do estacionamento. O condutor alargou a mão para agarrar um bilhete da máquina vendedora. A

barreira se levantou e a caminhonete avançou. Wíll a seguiu ao interior da garagem, e a utilizou como escudo. Viu vários grupos de pessoas entrando no terminal,

com as malas e os móveis na mão.

A única pessoa que se afastava do terminal era um homem maior com uma boina de beisebol. Tinha o cabelo grisalho e levava posta uma jaqueta negra e umas

calças curtas cor marrom clara. Era da mesma altura que Wíll, possivelmente um pouco mais grosso. Levava algo na mão. Algo pequeno, do tamanho da palma de sua mão.

Wíll se levou a mão ao bolso. Tocou o sapato da menina e soube que era o mesmo homem.

Onde estava a menina?

Wíll se girou, tentando encontrá-la. Mas não viu ninguém. Nem tão sequer ao agente de polícia. De repente, o estacionamento ficou vazio, provavelmente porque

não permitiam que entrasse ninguém. Wíll se tornou ao chão, olhando debaixo dos carros, tratando de ver uns pés pequenos, rezando para que a menina estivesse jogando

esconderijo e se encontrasse bem.

Mas não viu nada. Nada salvo ao homem. Wíll se incorporou. Viu a caminhonete vermelha girando para agarrar a rampa que subia ao seguinte nível.

O tipo já não levava a peruca nem os óculos. Estava lhe olhando fixamente, com o mesmo sorriso cínico desenhado no rosto. Caminhava de costas, com as mãos

nos bolsos de sua jaqueta reversível. Suas peludas pernas indicavam que se tirou a perna da calça das calças militares para convertê-los em umas bermuda. Os meias

três-quartos brancos faziam jogo com suas sapatilhas cinzas.

Durante um instante, Wíll se perguntou se se tinha posto as sapatilhas porque sabia que teria que correr. A resposta foi óbvia. O homem começou a apertar

o passo. Manteve o olhar fixo nele até o último momento, logo se girou e pôs-se a correr pela rampa.

Os pés do Wíll ressonavam no asfalto enquanto lhe perseguia. Tinha os punhos apertados e balançava os braços. Notava o peso do pequeno sapato na jaqueta,

lhe golpeando a perna como um menino que reclamasse que fizessem conta. Não deixava de pensar naquela menina. Deveria havê-la pego quando estava no quarto de banho.

Teria que ter feito que fechassem o aeroporto antes que nada. por que não tinha feito caso de seu instinto? por que teve medo de meter-se em problemas quando cabia

a possibilidade de que uma menina estivesse em perigo?

Torceu-se o tornozelo ao dobrar na esquina, mas, mesmo assim, começou a subir pela rampa. O homem estava a uns cinqüenta metros por diante, passando ao lado

da caminhonete vermelha. Seus sapatos chiaram quando girou para subir ao seguinte nível.

-Ouça! gritou Wíll golpeando a parte traseira da caminhonete. O homem com o chapéu vaqueiro se girou, mas Wíll já se subiu à plataforma. Vamos! lhe siga!

O vaqueiro não fez nenhuma pergunta. Pisou no acelerador, fazendo levantar fumaça dos pneumáticos ao subir pela rampa. Wíll tratou de preparar-se, ajoelhando-se

e agarrando-se aos lados da caminhonete para não perder o equilíbrio. No último momento, o vaqueiro deu um volantazo para subir ao seguinte nível. Wíll rodou até

o lado contrário do reboque; golpeou-se o ombro com o bordo metálico. Não era momento de avaliar os danos, porque o tipo estava girando para tomar a seguinte rampa.

O vaqueiro voltou a acelerar. Wíll pensou que tentava lhe atropelar. O homem deveu pensar o mesmo, pois trocou bruscamente de direção e foi para as escadas

de saída com a cabeça colocada entre os ombros e os punhos apertados.

Wíll notou que seu cérebro se paralisava. Era uma espécie de mecanismo de defesa, ou pode que um desejo de morrer. O tipo estava a escassos metros da porta

de saída. Não tinha muito tempo. Wíll se incorporou e, utilizando o bordo da caminhonete como trampolim, saltou diretamente sobre ele.

Viuo em câmara lenta.

O homem tinha alargado a mão e estava a ponto de agarrar o trinco da porta. girou-se. ficou boquiaberto, possivelmente pela surpresa, ou pode que de horror.

Wíll se precipitou sobre ele como em verruma. O tipo caiu de bruces contra o chão, com as pernas e os braços estendidos pela pressão de seus oitenta e cinco

quilogramas. Wíll notou que seus pulmões expulsavam todo o ar que tinha retido, e viu as estrelas. Piscou, tratando de recuperar a visão. Então o viu. Viu que o

homem ainda tinha obstinado dentro de seu punho o zapatito Hello Kitty com o córs rosa.

-Bem feito disse o vaqueiro. Tinha uma Sig Sauer de nove milímetros apontandoos. Wíll supôs que devia guardá-la no porta-luvas da caminhonete. Quase todos

os homens como ele a levavam. Me vai dizer o que tem feito este gilipollas?

Wíll ainda não podia falar. Respirou profundamente. Seus pulmões vibraram. Ao final, conseguiu levantar-se, mas teve que realizar um enorme esforço para

não cair de novo. Sangrava pelo nariz. Zumbiam-lhe os ouvidos. Doíam-lhe todos os músculos do corpo. Não obstante, pô-lhe o joelho nas costas, lhe obrigando a que

permanecesse no chão.

-Onde está?

O homem moveu a cabeça de um lado a outro. Tinha a boca aberta e se devanaba por respirar.

-A quem a deste? perguntou Wíll, lhe pressionando ainda mais forte com o joelho. Onde está?

O tipo emitiu um fraco gemido. Tinha a cabeça girada para sua boneca. De novo, olhava o relógio. O cristal parecia pedacinhos. Voltou a emitir um som apagado.

Por um instante, Wíll pensou que estava chorando.

Logo se deu conta de que se equivocava completamente.

O homem se estava rendo.

chegaste tarde disse o muito bode. chegaste tarde.

1. NRA. Associação Nacional do Rifle.

## Capítulo 2

Chamaram os escritórios do xerife dos condados do Clayton e Fulton. Ao Departamento de Polícia do Hapeville. Ao Departamento de Polícia do College Park.

Ao Departamento de Polícia de Atlanta. Ao Escritório de Investigação da Geórgia. Todos os corpos de segurança com jurisdição no aeroporto enviaram a todos seus agentes

disponíveis.

Entretanto, seguia sem haver o mais mínimo rastro da menina.

Registraram todos os carros que saíam do aeroporto. inspecionaram-se várias vezes os carros dos estacionamentos Norte, Sul, Oeste, Gold e Park-Jogue a rede.

Procuraram nas zonas de serviço e carga, nos caminhões de recolhimento de lixo, nos veículos de partilha, nos estacionamentos de ônibus, nos carros de aluguel e

no dos empregados. Procuraram por todos lados uma e outra vez.

Mas não encontraram nada.

Quão único tinham era a aquele homem, que não pensava dizer nada, salvo que ele mesmo seria seu próprio advogado e que seu cliente não tinha nada que dizer.

Tinha os bolsos vazios. Não levava identificação, nem dinheiro, nem tão sequer um chiclete. Não encontraram os óculos, nem a peruca, nem as pernas das calças

das calças que se tirou. Não quis comer nem beber nada do que lhe ofereceram. Disse que não fumava. Obviamente, sabia que a polícia utilizava com frequência esses

truques para obter rastros digitais ou o DNA, ao igual a sabia que quão único tinha que fazer era resistir as vinte e quatro horas que durava o período de retenção

que estipulava a lei para que logo, ou apresentassem cargos contra ele, ou lhe deixassem em liberdade.

Amanda Wagner não tinha trasladado ao detido à delegacia de polícia da cidade. Tinha retido no recinto do aeroporto, que era como seu próprio território.

Wíll se precaveu de que sua chefe tinha vontades de lhe dar uma surra ao detido até deixá-lo meio morto. Todos o desejavam. Os policiais que passavam pela

janela que dava às celas ficavam tensos, como se estivessem desejando romper o cristal e equilibrar-se sobre ele para lhe fazer o maior dano possível antes de que

o impedissem. Embora ninguém o impediria.

Wíll ao menos não. Havia sentido um enorme prazer ao ver como lhe sangrava a boca quando estampou sua cara contra o chão de cimento. Se tivesse a mais mínima

oportunidade, romperia-lhe com suas próprias mãos os poucos dentes que ficavam.

-Conta-me o todo outra vez disse Amanda ao Wíll.

Ela estava acostumada manter a serenidade, mas, nesse momento, ia de um lado para outro, cravando seus saltos de oito centímetros no carpete troca que cobria

os escritórios do aeroporto.

-Estavam nos asseios começou Wíll. Os ouvi na cabine.

Relatou a história pela segunda vez, sem omitir nenhum detalhe, da foto que lhes fez com o telefone da piloto até o salto que deu da caminhonete do vaqueiro.

Amanda não lhe estava pondo a prova, a não ser lhe fazendo revisar o caso se por acaso havia algo que lhe tivesse passado por cima, ou algo que ela visse

diferente.

Wíll viu que rebobinava mentalmente sua história enquanto observava aos agentes sair e entrar na sala de atribuições.

Temos que encontrar o disfarce disse finalmente-, e ver como conseguiu fazê-la desaparecer diante de nossos narizes.

Wíll pensou que era um ato de generosidade que utilizasse o plural, já que a menina tinha desaparecido quando ele a estava seguindo. ia mencionar o justo

quando a porta se abriu. Todos os que estavam na sala olharam para ali.

A comandante Vanessa Livingston estava acostumado a ocultar seu cabelo comprido fazendo um coque que tampava com um chapéu. Entretanto, ao ser seu dia livre,

não levava o uniforme, a não ser uns jeans cor azul e uma blusa folgada da mesma cor. Obviamente, os homens que trabalhavam sob suas ordens ficaram um tanto perplexos

ao ver rasgos de feminilidade naquela chefe tão dura. Nenhum se atreveu a olhar a de frente, embora todos pareciam com a expectativa enquanto esperavam que dissesse

algo.

-Não encontramos nada anunciou. Eu mesma registrei o terminal internacional. O incinerador ainda não se apagou. - Wíll sabia que por lei terei que queimar

algo que tentassem introduzir de forma ilegal no país, normalmente frutas e verduras. Fiz que um de meus moços entrasse em seu interior, mas solo encontrou a mierda

de costume que a gente tenta penetrar no país.

Amanda parecia tão decepcionada como todos outros quando disse:

-Bom, valia a pena tentá-lo.

Vanessa estalou os dedos para monopolizar a atenção dos homens congregados na sala.

-Novidades?

O sargento se levantou.

-As empresas de aluguel de carros e as pontes aéreas não nos hão dito nada. chamamos a todos os serviços de táxis, legais e ilegais, e ninguém informou que

ter recolhido a um adulto com uma menina, nem a dois adultos com uma menina, nem a uma menina sozinha.

Lhe fez um sinal para que continuasse com seu trabalho, e logo, dirigindo-se a Amanda e Wíll, assinalou:

-É segunda-feira. Normalmente, solo temos meninos os fins de semana.

Amanda se dirigiu ao mapa de entradas de acesso à cidade que pendurava da parede. Marcou com o dedo os diversos pontos para pôr a Vanessa ao tanto.

-Marriott. Embassy Suítes. Renaissance. Hilton. Westin. Holiday Inn. Ao menos há trinta hotéis no aeroporto, mais se nos estendemos até o College Park. recorri

a todos os agentes de campo do GBI, e enviei uma chamada de alerta para que a polícia local nos ajude na busca. Como já sabe, é nosso problema. -Riscou um círculo

ao redor do I-75, I-85, I-20 e o I-285, quer dizer, todas as principais vias de saída da cidade. Pensamos que entregaram à menina faz aproximadamente quarenta e

cinco minutos, o qual é tempo de sobra para chegar à linha estatal de Alabama. Se se dirigir para o Tennessee ou as Carolinas, dispomos de duas horas mais antes

de que saia de nossa jurisdição. alertei a Flórida, se por acaso se dirige para o sul.

-Disso nada disse Vanessa. Nos encarregaremos de apanhar a esses mamões.

Utilizou o cartão para entrar no centro de mando, ao que se denominava eufemisticamente “a geladeira”.

Wíll deixou que Amanda passasse diante. Notou que a temperatura descendia nada mais passar a soleira. A “geladeira” se mantinha a dezoito graus para que

os bancos de dados funcionassem com seu nível mais eficiente. Todas as câmaras do aeroporto se processavam nessa sala, que parecia ter copiado seu desenho da Nasa.

Havia fileiras de mesas alinhadas como os assentos de um estádio. Cada estação contava com três monitores e, posto que isso não parecia bastar, havia dúzias deles

repartidos pela parede frontal.

Wíll calculou que a sala teria as dimensões de uma quadra de esportes de basquete, com uma espécie de camarote no nível superior. Ali é onde ficou Vanessa,

com a Amanda a seu lado. Wíll se colocou detrás delas. Olharam as imagens do aeroporto em tempo real, que se estavam rebobinando lentamente.

Quase cinqüenta por cento dos vôos intercontinentais Delta tinham feito noite no Hartsfield, provocando que aquele dia os horários de vôo se atrasassem.

Nenhum passageiro dos que se viam nos monitores parecia muito satisfeito, pois seus vôos tinham sofrido um atraso ou tinham sido cancelados, e pareciam tomar-lhe

como algo pessoal. Que uma menina tivesse sido seqüestrada não lhes parecia razão suficiente para que se interrompessem os vôos. A equipe da Vanessa teve que intervir

para acabar com uma desagradável briga a murros que se originou ante um dos mostradores.

-Havemos talher cada centímetro das instalações interiores explicou Vanessa. Os estacionamentos são irregulares, mas havemos talher a maioria dos acessos

peatonales e enfocamos as câmaras em cada carro que entra ou sai. Já ordenei a minha equipe que passem cada imagem pelo software de reconhecimento facial.

Faith Mitchell levantou a cabeça desse muro de mostradores. dirigiu-se a Amanda.

-Já podemos começar.

Amanda olhou a seu amiga, pois estavam em seu território, mas Vanessa se limitou a dizer:

-Por favor.

Faith voltou a sentar-se à mesa. Sempre lhe tinha dado bem a eletrônica, e lhe bastou pressionar algumas teclas para fazer-se com o controle do sistema.

O monitor maior da parede piscou. Wíll se viu si mesmo olhando ao redor na saída dos aseios. O seguinte monitor da fileira mostrou ao homem com a peruca

postiça e os óculos. Arrastava à menina pelo terminal, caminho das escadas rolantes. Wíll ouviu que Faith pressionava as teclas para isolar as imagens. Em outro

monitor apareceu uma tomada congelada do rosto do homem. Tinha a peruca inclinada e os óculos a meia altura, no cavalete do nariz. Logo viu o rosto da menina. Parecia

completamente afligida.

Wíll notou que todos lhe olhavam. Visto agora, o delito resultava óbvio.

-Foi uma decisão difícil balbuciou Amanda.

Sem dúvida, foi o comentário mais generoso que tinha feito em sua vida.

Faith pressionou algumas teclas mais. O monitor do centro rebobinou as imagens, fazendo um seguimento do caminho que Wíll tinha percorrido através do aeroporto.

Quando saiu do terminal T, a câmara do trem seguiu o trajeto do homem até que chegou à sala de recolhimento de bagagens. Lutou para baixar do trem rapidamente, mas

teve que frear-se nas escadas porque a menina supunha um lastro. Em lugar de subir por elas, tomou o elevador. A câmara colocada na esquina interior do vagão mostrou

como pressionava freneticamente o botão para fechar as portas, apesar de que se aproximava uma mulher em cadeira de rodas. A porta se fechou em seus narizes. Uma

vez mais, o homem olhou a hora.

-Com quanto atraso chegou seu avião? perguntou Amanda.

-Quinze minutos respondeu Vanessa. Foi um dos primeiros em sair, por isso sabemos que não fez um vôo de conexão.

Já tinham visto o percurso do homem até que chegou à porta do terminal C. Seu vôo da American Airlines tinha saído do Aeroporto Internacional de Sa-tac,

em Seattle, essa mesma manhã. Era um aeroporto pequeno, mas, por fortuna, cumpria com os novos protocolos do Departamento de Segurança. Todos os passageiros que

subiam a um avião sabiam que um agente escanearia seu cartão de embarque. O que não sabiam é que havia uma câmara enfocando sua cara todo o tempo para, posteriormente,

poder cotejar o nome com a imagem.

O Aeroporto Sa-tac tinha enviado os arquivos digitais dez minutos antes, e havia quatro técnicos trabalhando para descobrir a identidade do homem.

-Nem o Departamento de Polícia da Tacoma nem o de Seattle informaram que uma menina dessa idade desaparecida nas últimas setenta e duas horas disse Vanessa.

enviaram uma notificação a todas as escolas em um rádio de cento e cinquenta quilômetros. Sua foto aparece em todos os meios.

-Seattle se encontra a umas três horas em carro de Vancouver? perguntou Amanda.

-Já nos coordenamos com a Polícia Montada e com a patrulha fronteira. Se entrou nos Estados Unidos por um dos quatro controles principais, não demorarão

para averiguá-lo.

-Não há forma de saber de onde veio assinalou Amanda. Pôde vir de carro de Tijuana.

-O Aeroporto Internacional dos Anjos está revisando as imagens respondeu Vanessa. Todos os aeroportos internacionais daqui até a Costa Oeste. É como encontrar

uma agulha em um palheiro, mas farão o que possam por dar com a menina. Vejamos sua imagem de novo.

Faith fez as honras. A foto da menina seqüestrada apareceu no monitor do centro. Houve uma pausa, mas logo se voltou a ouvir o repicar dos teclados, quando

o pessoal ficou de novo mãos à obra. Wíll olhou à cria fazendo-se todo tipo de perguntas. Deveria havê-la pego no quarto de banho? Teria que ter parado ao homem

e lhe haver interrogado?

Sobre o que? Porque queria que a menina se desse pressa e porque tinha utilizado o asseio?

Tenho-o! gritou alguém. Joseph Allen Jenner.

A foto da menina desapareceu e foi substituída pela do homem. Estava em uma cauda, detrás de um grupo de passageiros que levavam camisas amarelas, provavelmente eram parte de uma viagem organizada a Flórida.

Jenner levava a mesma jaqueta, com o lado verde por fora. Tinha o cabelo branco. Não levava peruca, nem óculos, nem tampouco a boina de beisebol. Ao ver

quão avultada parecia sua jaqueta, Wíll deduziu que devia levar todas essas coisas metidas nos bolsos. Os guardas de segurança não podiam deter ninguém por viajar

com uma peruca.

-Onde está a menina? perguntou Faith.

Tinha razão. Jenner aparecia na imagem sozinho.

-Retrocedamos para ver os passageiros ordenou Vanessa.

-Estou nisso respondeu um homem.

Faith voltou a utilizar o teclado. Seu trabalho apareceu em uma das telas mais pequenas. Estava passando o nome do Jenner pelo CODIS, a base de dados do

FBI que conta com o DNA de todos os delinqüentes.

-Nada disse, apesar de que eles podiam vê-lo por si mesmos.

Comprovou o nome do Jenner no sistema estatal, e logo no regional, para tentar encontrar alguma ordem de arresto ou seu expediente como delinqüente sexual.

Finalmente, escreveu seu nome no Google.

Encontrou.

-É um advogado tributário disse Faith.

Fez clique e foi passando por alguns artigos do Atlanta Journal Constitution, mencionando o que descobria à medida que lia a informação. Jenner não era um

tipo que passasse despercebido, pois trabalhava grátis para uma organização benéfica infantil. Treinava a uma equipe de beisebol da liga infantil, e era um socorrista

titulado que ajudava a YMCA local.

Típico resmungou Amanda. Sempre se ocultam a plena vista.

encontrei à menina.

A cinta do Sa-tac começou a correr mais depressa. Viram uma mulher grossa e baixa sustentando à menina em braços. A cria era muito grande para que a levassem

dessa forma, por isso a mulher tinha que encurvar-se para poder suportar o peso.

-A mulher se chama Eleanor Fielding disse o homem. E a menina aparece com o nome da Abigaíl Fielding.

-Vai com a menina quando aterrissam? perguntou Vanessa.

Voltou a ver-se o vídeo na porta de Atlanta. Wíll viu uma fileira de passageiros saindo da porta de embarque. Pareciam confundidos e aturdidos, como está

acostumado a acontecer quando as pessoas passam sentadas cinco horas em um tubo de metal e aterrissam em uma cidade completamente distinta. Todos olhavam os sinais,

já fosse procurando a saída ou a seguinte porta.

Fielding apareceu na segunda fileira de passageiros que subiam pela passarela. Não parecia perdida ao entrar no terminal. Caminhava com decisão e se dirigiu

quase correndo para o túnel de transporte.

-Vamos até a porta disse Vanessa.

A cinta começou a correr mais rápido, mas não tanto como para que não pudessem distinguir as caras. O técnico era realmente bom fazendo seu trabalho. As

imagens começaram a correr a velocidade normal quando apareceu na tela o rosto do Joseph Allen Jenner. Foi um dos últimos passageiros em baixar do avião. Levava

a menina arrancarabo da mão, e atirava dela. Em lugar de dirigir-se para a saída, conduziua pela porta adjacente. Uma segunda e uma terceira câmara fizeram um

seguimento de seu percurso enquanto a levava até a parede do fundo e a obrigava a sentar-se em uma cadeira. A menina ainda estava aturdida. Bocejou enquanto olhava

a seu redor com os olhos adormecidos.

-Parece sedada assinalou Amanda.

-É muito normal acrescentou Vanessa. Levava trabalhando no aeroporto o tempo suficiente para saber como atuava esse tipo de gente. O ano passado tivemos

o caso de um menino ao que seqüestraram na Costa Oeste. Estava completamente drogado. As assistentes de vôo pensaram que estava dormindo, o qual é o mais desejável

para um menino que toma um vôo de larga distância. Tinha passado o terminal internacional, e ia de caminho a Amsterdam quando a LAX descobriu o seqüestro no vôo

interno.

-Resgataram-no?

Vanessa assentiu, mas pela expressão de seu rosto Wíll deduziu que não tinha saído ileso. Quase nenhum estava acostumado a fazê-lo.

Os seqüestros realizados por pessoas estranhas eram pouco freqüentes estatisticamente, era muito mais provável que os meninos sofressem danos à mãos de

um familiar-, mas Internet estava facilitando as coisas a esses depredadores. Anos antes, Wíll esteve investigando um caso no qual um homem tinha feito algumas fotos

de meninos no pátio do recreio e as tinha pendurado em um foro de debate privado. Seu plano consistia em raptar a um menino que pudesse vender a outro depredador.

Era uma versão pedófila do velho Livro dos desejos. Prenderam o homem, mas é que esses gilipollas eram como as baratas. Matava a uma e saíam cem.

Como Joseph Allen Jenner.

No vídeo de segurança se via claramente que a menina estava recuperando a consciência. A via mais acordada, olhava a seu redor e se movia inquieta na cadeira.

Ao Jenner lhe notava muito mais nervoso. Não deixava de olhar o relógio, e comprovava a hora com o que tinha pendurado na parede.

-Está esperando algo disse Vanessa. Atira para diante.

A cinta avançou quase dez minutos. Jenner voltou a olhar seu relógio e agarrou à menina do braço. Tentou fazer que se movesse, mas ela se deteve e ficou

plantada em seu sítio. Viram como movia a boca ao falar, provavelmente lhe estaria pedindo que a levasse a quarto de banho. Jenner parecia furioso. A cria estava

fazendo que seus planos se transtornassem.

Conduzia até os aseios, onde não havia câmaras de segurança.

-Onde está Fielding enquanto ocorre todo isso? perguntou Vanessa. Eu gostaria de saber como saiu dali.

-Perdemo-la disse um dos técnicos. Fielding saiu pelo terminal Norte, mas não sabemos onde se dirigiu a partir de ali.

-Jenner desapareceu no terminal Sul respondeu Wíll.

-Ponham mais pessoal nos vídeos de saída dos estacionamentos ordenou Vanessa.

Wíll sabia que tinham saído mais de duzentos carros do aeroporto nos quarenta e cinco minutos que tinham transcorrido desde que aterrisou o avião de Seattle

até que fecharam o aeroporto.

Tenho o expediente do Fielding disse Faith, subindo a foto. Maus entendimentos, abandono infantil. Passou dois anos na prisão do Jackson, Misisipi. cumpriu

a liberdade condicional. Não aparece nenhuma direção registrada em Atlanta. -Substituiu a fotografia pela ordem de arresto.

-Deus santo balbuciu Amanda. Era uma mãe de acolhida.

Temo-la na saída disse um dos técnicos. Estava em um dos primeiros carros que paramos. Saiu pelo estacionamento de larga duração, no terminal Norte. Conduzia

um Mercedes de cor negra.

O técnico enfocou o carro, cuja imagem tinha gravado a câmara de segurança da saída principal do estacionamento. Registraram o carro, abriram o porta-malas,

olharam nos assentos traseiros e debaixo da bandeja posterior. Tinham passado inclusive um espelho pelos baixos para examinar o chassi. via-se a mulher com as mãos

nos quadris, como deixando claro o muito que lhe incomodava todo aquilo.

Will comprovou a hora que aparecia na imagem. As 12.52. Recordou ter visto o Jenner olhando seu relógio vinte minutos depois.

-Aí está disse Amanda ao ver na imagem como Fielding entrava de novo no Mercedes e partia.

A câmara seguiu seu trajeto até a bifurcação na interestadual. Tomou a 75 Sul.

-Fielding pagou os bilhetes dela e da menina com seu cartão do American Express anunciou Faith. Está registrada em uma direção local do Lake Spivey. Sua

direção no Emerald Drive concorda com a de seu carnê de conduzir.

-Chama o condado do Clayton e lhes diga que a tragam - lhe disse Vanessa a um de seus homens. O tipo correu para a porta.

Tomou o vôo de saída ontem pela tarde, assim foi uma viagem de ida e volta assinalou Faith.

-O que se sabe do vôo do Jenner? perguntou Amanda.

Houve uma pausa enquanto Faith comprovava a informação.

-O mesmo. Saiu três horas antes que Fielding. Pagou os bilhetes com um cartão VISA que pertence a Eleanor Fielding, registrada na mesma direção do Emerald

Drive. -Faith soltou uma gargalhada de incredulidade. Utilizou o Skymiles para tramitar os bilhetes.

-Se viajar em primeira, fazem-lhe menos pergunta assinalou Vanessa.

-Foi uma viagem de um dia disse Amanda. Onde se alojaram?

Faith pulsou algumas teclas. A tela mostrou o recibo de um cartão de crédito.

-No Hilton Seattle Airport and Conference Center disse. Lhe custou duzentos e seis dólares. -Abriu a página Web do hotel e, depois de uns quantos cliques,

viram as diferentes ofertas de habitações. Uma habitação dobro com o transporte de ida e volta ao aeroporto custa cento e trinta e quatro dólares. Com os impostos

e as comidas deve somar, mais ou menos, os duzentos dólares. -Faith voltou a revisar os recibos dos cartões de crédito. Não alugaram nenhum carro. Parece como se

se alojassem no hotel e esperassem.

-Alguém lhes levou a menina disse Amanda.

A habitação ficou em silêncio. Todos olharam a foto que Wíll lhe tinha feito à pequena. Abigaíl. Pode que se

chamasse assim de verdade. Teriam que assegurar-se

de que responderia a esse nome se a chamavam. Eram o tipo de pessoas que pensavam nesses detalhes. Reservaram os bilhetes com antecipação. Coordenaram os intercâmbios.

A direção do Emerald Drive provavelmente seria um lugar de conexão. Não encontrariam a Eleanor Fielding ali. Nem a ela nem a ninguém.

Ao Wíll, a gravidade da situação começava a lhe afligir. A menina tinha estado tão perto dele nos asseios que poderia ter alargado a mão e havê-la resgatado.

Podia haver-se agachado e lhe perguntar se aquele homem era seu pai. Podia-lhe ter dado um murro na cara a esse tipo e haver-se levado a menina com ele.

pediu assessoramento legal disse Vanessa. Não podemos falar com ele. O que fazemos?

Amanda não o duvidou.

-Falaremos com seu advogado.

### Capítulo 3

Joseph Allen Jenner era um viúvo de cinqüenta e dois anos. Sua esposa havia falecido três anos antes. Sua ata de falecimento dizia que tinha morrido por

causas naturais, embora uma chamada a um agradável supervisor de registros do hospital da Universidade do Emory revelou que tinha sido por um ataque ao coração aos

cinquenta e dois anos. Não tinha filhos. Seu único parente era Joe Jenner, advogado, filantropo e presidente da Fundação Infantil Jenner, a qual ajudava aos meninos

com escassos recursos a ter acesso a programas extraescolares de alfabetização.

Amanda se sentou frente a Jenner na sala de interrogatórios do aeroporto. As paredes eram de uma cor branca reluzente, sem os desconchones, as telarañas

e a típica sujeira que Wíll tinha visto em todas as delegacias de polícia.

-Sou Amanda Wagner, diretora interina do Escritório de Investigação da Geórgia disse. Este é meu associado, o agente especial Wíll Trent.

Jenner sustentava um trapo ensangüentado contra sua boca. Com voz amortecida, mas clara, respondeu:

-A lei não me obriga a falar com você.

-Vejo que conhece seus direitos, senhor Jenner disse Amanda. Não podia esperar menos de um advogado tributário.

Jenner arqueou as sobrancelhas, embora esse foi o único gesto de surpresa que fez ao descobrir que tinham averiguado seu nome. tirou-se o trapo da boca e

acrescentou:

-Nesse caso, quero um pouco de gelo e uma aspirina, por favor.

Amanda assentiu enquanto olhava ao espelho de visão unilateral. Wíll deduziu que Vanessa Livingston repetiria o gesto a um de seus ajudantes.

-Você veio no vôo três seisdois da American Airlines esta manhã. Subiu ao avião sozinho. Sua companheira, a senhora Fielding, embarcou depois que você;

levava com ela a uma menina cujo cartão de embarque a identifica como Abigaíl Fielding.

Jenner não respondeu.

-O cartão de crédito da senhora Fielding se utilizou para comprar três bilhetes. O seu, o dela e o da menina. chama-se Abigaíl, não é certo? Não sabemos

como chamá-la.

Uma vez mais, Jenner guardou silêncio. Olhou a mesa. Wíll deduziu que lhe doía a boca, especialmente nesse espaço vazio que deixavam os dentes que se partiram

pela metade.

-A quem lhe deu a menina, senhor Jenner?

Jenner lançou um profundo suspiro.

-Diretora interina Wagner disse. Imagino que conhecerá o que opina a lei. Você não me pode interrogar depois de que tenha solicitado um advogado.

-Posto que você atua como seu próprio representante legal, senhor Jenner, falo-lhe atuando em qualidade de um agente da lei que se dirige a um representante

legal. Se deseja que utilize uma linguagem mais formal, estarei encantada de fazê-lo.

Jenner a olhou com o cenho franzido. Wíll pensou que estava mais familiarizado com as isenções de impostos das ilhas Jacaré que com as fissuras do direito

penal. Finalmente, esboçou um sorriso malicioso.

-Muito bem, diretora interina. Alegra-me falar com um representante da lei que tem um pouco de cérebro na cabeça. -Logo corrigiu: Com uma.

Amanda desenhou um sorriso forçado.

-Obrigado por esse maravilhoso completo.

O homem se Rio.

-Sua gente pode que a considere muito inteligente, mas sabe o que vai acontecer? Você sozinho me pode reter durante vinte e quatro horas. Não pode me acusar

de nada concreto. É realmente patético.

-Senhor Jenner, neste momento, seu cliente, o senhor Jenner, confronta cargos de seqüestro infantil, transporte de uma menor através do estado com o propósito

de induzi-la a atividades sexuais, tráfico de meninos, obstaculización à justiça, fugir da detenção, resistência à autoridade e agressão a um agente de polícia.

-Agressão? respondeu furioso Jenner. Ele foi quem me atacou. Eu dirigia às escadas, sem incomodar a ninguém. - Levantou o relógio quebrado. É um Rolex

de seis mil dólares.

Temos uma testemunha, o senhor McGhee, que conta uma história muito diferente.

Referia-se ao vaqueiro da caminhonete vermelha. Os antecedentes do Travis McGhee não é que fossem muito bons, mas disse ao Wíll que juraria ante a Bíblia

que Jenner o tinha procurado. Que não tivesse que lhe pedir que mentisse já resultava um tanto suspeito.

Testemunhas? -Jenner seguia sem parecer impressionado. A expressão de suficiência que pôs fez que Wíll desejasse lhe romper alguns dentes Mais de verdade,

diretora interina? Está-me decepcionando. Não poderia inventar-se um pouco mais interessante?

-Senhor Jenner, acaso não sabe que seu cliente foi gravado pelas câmaras de segurança desde que chegou ao aeroporto? -Para recalá-lo, tirou as fotografias

que os técnicos tinham extraído do vídeo de segurança. Esta foto em particular resulta muito interessante. Vá a seu cliente levando peruca e óculos? -Assinalou

a fotografia. Entretanto, nesta outra as tirou. E quando lhe prendemos, descobrimos que lhe tinha dado a volta a sua jaqueta e tinha transformado suas calças largas

em curtos. O que acredita que pensará o jurado de todo isso?

-Duvido que me veja ante um jurado. -Voltou a olhar à mesa. Mas sempre vem bem contar com recursos visuais, não é verdade? Embora não tenho nem idéia de

quem é esse homem da peruca.

Wíll observou seu olhar. Jenner não estava emprestando atenção às fotos, a não ser tentando ver o relógio do policial. Conteve o instinto de tampá-la boneca,

já que o punho ocultava a esfera.

-Como lhe hei dito antes disse Jenner-, você sozinho pode me reter durante vinte e quatro horas. Nem um minuto mais.

Tem razão respondeu Amanda. Mas em vinte e quatro horas podem acontecer muitas coisas.

-Assim é. Pode que meu cliente troque de opinião. Nunca se sabe.

-Possivelmente devamos interrogar à senhora Fielding disse Wíll a Amanda.

Ela levava tanto tempo fazendo essas coisas que logo que trocou a expressão de sua cara.

-Sim disse. Parece mais disposta a falar que nosso amigo.

Jenner não pôde ocultar sua curiosidade, apesar de tentá-lo.

-Quem é a senhora Fielding?

-Sua sócia, a do Mercedes negro.

Jenner desenhou um sorriso de suficiência.

-Estou segura de que será muito mais comunicativa. Já estive no cárcere, e sabe que o jurado não será tão benévolo uma segunda vez.

-Ela terá solicitado um advogado disse Jenner. Uma boa dedução, supôs Wíll, se de verdade tivessem encontrado à mulher. Vocês não podem falar com ela sem

que haja um advogado presente.

Amanda se levantou da mesa.

-Asseguraremos de que lhe tragam o gelo, mas lamento lhe dizer que vai contra a lei lhes dar aos detidos qualquer tipo de medicina, por muito inofensiva

que seja uma aspirina.

Jenner fez um gesto de desdém com a mão.

-Estarei aqui se deseja falar de novo disse a Amanda com uma piscada. Tremendo de medo.

Ela deixou as fotografias sobre a mesa. Wíll a seguiu fora da sala. Amanda esperou a que a porta se fechasse, mas, mesmo assim, falou em voz baixa:

Tentava ver a hora em seu relógio.

Wíll assentiu.

-Há alguém mais comprometido. Fielding vai se reunir com alguém.

-Acredito que sim respondeu Amanda. Está tratando de ganhar tempo por algum motivo. vê-se que tem feito este tipo de coisas antes. Traficam com meninos

como se fossem carros usados, levando os de um sítio a outro do país para que ninguém possa encontrá-los. -Falava com uma raiva contida. Estou segura de que Jenner

se viu nesta situação várias vezes.

Vanessa lhes aproximou. Levava uma folha de papel na mão.

-Não encontramos nada. A casa no Lake Spivey estava vazia. Leva assim mais de dois anos. Havia correio na rolha dirigida a Eleanor Fielding. A vizinha é

um pouco fofqueira, e nos há dito que uma ou duas vezes por semana aparece um Mercedes negro para recolhê-lo. O carro também está registrado nessa direção.

-Muito lista disse Amanda. Está utilizando essa casa como ponto de conexão.

-A última direção que temos do Fielding é um terreno vazio. Conheço uma garota na Segurança Social que vai tentar nos dar uma mão, mas não estou segura de

quanto demorará.

conseguiu alguma direção do Jenner?

-Vive e trabalha nas Residências do Ritz Carlton. falamos com o chefe de Segurança, mas não quis nos ajudar, apesar de que lhe dissemos que havia uma menina

de por meio. Não podemos registrar seu escritório nem o apartamento sem uma ordem. O encarregado da recepção é um policial aposentado de Atlanta. Acidentalmente,

deixou-se o livro de registros aberto para que o víssemos. Não recebeu nenhum visitante com meninos, nem para ver o Jenner nem para ver ninguém. Não é um lugar onde

os meninos sejam bem recebidos. Não temos nenhuma outra direção, assim, de momento, isso é tudo. E você? perguntou Vanessa assinalando a sala de interrogatórios.

averiguaste algo?

-Solo que é um gilipollas arrogante admitiu Amanda. Wíll acredita que há outra pessoa implicada, e eu estou de acordo. Jenner está esperando algo. Tem

o relógio quebrado, e em várias ocasiões tentou ver o do Wíll.

Tentará fazer um trato quando estiver seguro de que se feito a seguinte entrega. Dirá-nos onde encontrar a Abigaíl, e logo dirá que não é culpa dela se

ela não estava ali.

-Estamos investigando todos os hotéis do aeroporto acrescentou Vanessa. enviamos agentes para que eles vejam mesmos os vídeos das câmaras. Não vamos confiar

nos no que nos diga ninguém. -Cruzou os braços. Esteja onde esteja Abigaíl, não se encontra em lugar visível. No que está pensando, Wíll?

Ele olhou a hora. Eram as duas e quinze. Atirou da coroa e adiantou os ponteiros de relógio trinta minutos.

-Acredito que vai sendo hora de que deixemos que Jenner vá ao asseio.

## Capítulo 4

Wíll manteve algemado ao Jenner enquanto conduzia pelo corredor que levava a asseio de cavalheiros. Esperava que

se zangasse e protestasse, mas, ou acreditava

que merecia ser tratado como um prisioneiro, ou estava tão seguro de que sairia dessa que não lhe importava sofrer esses pequenos inconvenientes.

-Aqui disse Wíll, sustentando a porta aberta.

A manga lhe subiu, e se deu conta de que Jenner olhava a hora. Não havia dúvida de que o que viu gostou, já que voltou a esboçar esse sorriso irritante.

Wíll lhe acompanhou ao interior da pequena habitação. Solo havia uma taça, um lavabo e um ventilador de teto que emitia um ruído parecido ao dos pulmões

de um ancião. Wíll tirou a chave das algemas e as tirou. Jenner se esfregou as bonecas para que o sangue circulasse de novo.

-Que fazia nos asseios do aeroporto? perguntou ao Wíll.

-Se responder a minhas perguntas, eu responderei às suas.

Jenner sorriu, mostrando os dentes partidos. estremeceu-se de dor.

Tem sorte de que não lhe demande pelas lesões que me causou nos dentes. deu-se a volta para ficar diante do lavabo, olhando ao Wíll enquanto dava ao grifo

de água quente. Estou seguro de que os implante me vão custar uns dez mil.

-Bom, você tem dinheiro.

-De verdade? perguntou. Deveu ler a resposta em seus olhos. Imagino que averiguou meu nome pelo cartão de embarque. Pergunto-me como o tem feito. Não a

levava em cima. Pode que um de meus companheiros de vôo lhe haja dito meu número de assento.

Wíll se encolheu de ombros.

-O cartão de crédito não está a meu nome. Encontrou no Google?

Wíll não lhe respondeu.

-É incrível como se perdeu privacidade do 11-S. Surpreende-me que não me tenha premiado por minha interpretação.

-Estamo-lo pensando.

Jenner sorriu afavelmente. Cavou as mãos debaixo do grifo da água quente, inclinou-se e sorveu um pouco. Wíll esperou enquanto se enxaguava a boca. Jenner

cuspiu um fio de sangue no lavabo. Repetiu o processo duas vezes antes de incorporar-se.

-Sei que Eleanor não está falando. Seu representante legal porá a sua chefa mais derecha que uma vela.

Wíll tinha suas dúvidas a respeito, mas deduziu que Eleanor Fielding teria uma mulher de advogada. Não lhe pilhava de novas, mas sempre lhe surpreendia as

coisas tão horríveis que chegavam a fazer algumas mulheres. Queria pensar que o faziam por dinheiro e não por malícia, nem por algo pior.

-É uma pessoa muito desagradável disse Jenner refiriéndose a Amanda. Se crie mais lista do que é. Tratar com ela deve ser uma cruz.

Wíll não se sentia muito preparado nesse momento. Jenner tinha estado jogando com ele todo o momento, por isso tratou de adular seu ego dizendo:

-Você é muito inteligente.

-Sim, o sou afirmou Jenner. Mas, às vezes, ser mais preparado que outros é uma carga. -Assinalou a taça do váter, que estava pega ao lavabo. Posso?

Wíll se girou de costas, embora podia ver seu reflexo no espelho. Jenner olhava para baixo. Resultava óbvio que não tentaria fazer nada.

Wíll procurou a coroa do relógio e adiantou os ponteiros de relógio um pouco mais. Fez com muita dissimulação. Nas últimas vinte e quatro horas, Jenner

tinha viajado por três zonas com diferente horário, por isso estaria cansado de tanto vôo, pode que exausto de tanto café e adrenalina. A aeromoça do avião disse

que se tomou uma cafeteira inteira durante as quatro horas e meia que durou o trajeto.

Até uma pessoa inocente se sentiria desorientada em seu lugar.

-Ufff exclamou Jenner, soltando um suspiro innecesariamente dramático quando terminou de urinar. sacudiu-se várias vezes. Logo atirou da cisterna e se deu

a volta para dirigir-se para a porta.

Wíll lhe bloqueou o passo, lhe indicando que se lavasse as mãos.

-É óbvio. Vá maneiras tenho. aproximou-se do lavabo, verteu um pouco de sabão na palma da mão e logo as colocou debaixo do sensor do grifo, mas não saiu água. Odeio estes aparelhos. Nunca funcionam.

Wíll não se incomodou em responder. Pôs a mão debaixo do sensor e a moveu, mas seguia sem sair água. Tentou de novo. A água saiu a ferveras, lhes salpicando aos dois.

-Sempre passa o mesmo disse Jenner esfregandoas mãos.

Wíll se olhou as calças. molhou-se a parte de diante, igual a Jenner.

O grifo se fechou.

-Não há toalhas?

Wíll atirou do dispensador para tirar umas quantas toalhas de papel, assegurando-se de lhe ensinar o relógio. Viu o reflexo do Jenner no espelho. Se estava

surpreso de como voava o tempo, não parecia demonstrá-lo.

Uma vez mais, o detido se dirigiu para a porta.

E uma vez mais, Wíll lhe cortou o passo. Tirou as algemas.

-Me vai algemar? perguntou o outro. Parecia decepcionado, como se tivessem cercado algum laço de amizade no asseio. Finalmente, estendeu as mãos.

Wíll moveu a cabeça. Com uma exagerada reticência, Jenner se deu a volta e juntou as bonecas. O policial teve que fazer um esforço para não lhe retorcer

os braços e lhe romper as bonecas, mas se conteve e lhe pôs as algemas, provocando um sonoro estalo.

Abriu a porta e deixou que saísse a seu ar, sem lhe empurrar enquanto percorriam o corredor. Desejava mover de novo o relógio, mas se reprimiu e manteve

uma mão no cotovelo do Jenner, e a outra a seu lado. levou-se a mão ao bolso da jaqueta. Ainda levava o zapatito da Abigaíl. Deveria entregá-lo como prova e registrá-lo

para o julgamento. Envolheu com a palma da mão. Era tão pequeno que virtualmente desapareceu.

Wíll se sentou em um banco de metal fora do aeroporto. Aquele era um dia luminoso e ensolarado, mas escolheu o corredor subterrâneo como lugar para lamberas

feridas. Ali tinha perdido de vista ao Joe Jenner. Ali se tinha detido o policial. Ali Travis McGhee fazia sonar a buzina de sua caminhonete vermelha. Ali se tinha

dado a volta. Ali era onde Jenner e a menina desapareceram.

Sustentava na mão o sapato da Abigaíl. O cóis estava separado pela parte de atrás, provavelmente de havê-la miserável. Pensou que deveria comprar um tubo

do Super Glue e pegá-lo. Era o tipo de sapatos que adoraria a uma menina. Gostaria de recuperá-los. Seguro que os necessitava quando voltasse a subir a um avião

para retornar a casa com seus pais.

Wíll fechou os olhos. Não era nenhum freak da new age, mas tentou visualizar a Abigaíl em braços de sua mãe. Era uma menina magricela e ossuda, e provavelmente

sua mãe também o seria. Teria seu mesmo cabelo loiro e idênticos olhos azuis. Sua mãe, ao vê-la, abraçariaa com tanta força que nunca mais se separariam.

Isso era o que queria imaginar, não a verdade, que se parecia muito a um pesadelo.

A chamada de alerta ainda seguia vigente. A polícia de tráfico tinha utilizado a todos seus homens para controlar as estradas interestaduais e secundárias.

Em todas as telas das autoestradas aparecia a altura e o peso da menina, assim como a cor do cabelo e dos olhos, a idade aproximada e a hora em que tinha desaparecido.

Tinham recebida centenas de chamadas, mas nenhuma delas tinha dado nenhum resultado.

Wíll olhou o relógio, que ainda seguia adiantado cinqüenta e dois minutos. Continuava pendente das reações do Jenner, adiantando os ponteiros de relógio

do relógio cada vez que entrava na habitação para lhe oferecer algo de beber, lhe perguntar se desejava ir ao serviço ou para sentar-se frente a ele e observar como

olhava impassível a parede.

Pensava adiantar outros vinte minutos o relógio antes de voltar a entrar. Jenner estava exausto. As duas últimas vezes que entrou, viu que se ficou dormido,

com a cabeça apoiada na mesa. Isso lhe teria feito perder a noção do tempo. Passaram cinco minutos. Dez. Não havia forma de saber qual era a hora mágica, mas pensava

seguir explorando essa vaza, adiantando a hora até que ele acreditasse que já estava a salvo.

Sua única esperança é que depois tivessem tempo de resgatar a menina.

Abigaíl levava três horas desaparecida, ao menos desde que eles a tinham perdido. Não sabiam de onde vinha, nem se tinha um pai ou uma mãe que a estivessem

procurando. Eleanor Fielding tinha trabalhado no Serviço Social; talvez Abigaíl fosse uma menina de acolhida.

A imagem da cria em braços de sua mãe desapareceu imediatamente.

Os depredadores procuravam um objetivo singelo, e o sistema de acolhida andava tão escasso de recursos que os trabalhadores não davam provisão. Muitos não

tinham telefones móveis, nem ordenadores portáteis, nem inclusive escritórios. Solo em Seattle havia dúzias de meninos que se esfumaram do sistema de acolhida. Flórida

contava com um grande número de meninos perdidos. E Washington DC tinha tantos casos de negligência que já não podia arbitrá-los todos, por isso não havia forma

de saber se Abigaíl era um desses meninos desaparecidos.

A essas horas podia ser já uma mais da lista.

As portas que tinha a suas costas se abriram. Faith se sentou a seu lado. Levava uma rádio na mão. Estava conectada com a frequência da polícia de Atlanta,

embora tinha o volume ao mínimo. Wíll ouviu o suave murmúrio dos agentes enquanto se comunicavam entre si.

Faith disse “sem novidade”, porque sabia que isso é o primeiro que lhe perguntaria.

-Esse é seu sapato?

Wíll lhe deu a sapatilha de balé com o cóo quebrado e a sorridente Hello Kitty.

-É muito pequeno disse Faith apertando os lábios. Tinha uma filha que ainda levava fraldas e um filho na universidade. Embora esses casos afetavam a todo

mundo, lhe chegavam à alma.

-A que idade aprendem a vestir-se sozinhos? perguntou Wíll.

Faith suspirou ao pensar nisso.

-Depende do menino. Começa a assinalar o que você gostaria de te pôr aos dois anos ou dois anos e meio, mas ainda não é capaz de te vestir. Aos três ou quatro

anos, começa a te vestir sozinha, mas às vezes te põe os objetos do reverso ou te equivoca de sapato. Aos cinco, já é capaz de te vestir por ti mesma. Salvo que

seja um menino. Então tem que esperar até os vinte e cinco. Ou pode que até os trinta.

Wíll esboçou um sorriso para ouvir a brincadeira, mas em quão único podia pensar era na Abigaíl escolhendo sua roupa. Essa MA-ñana, ou possivelmente no

dia anterior, ou fosse quando fosse, tinha eleito o traje estampado, as meias e os sapatos que faziam jogo e os tinha posto. Imaginou sorrindo enquanto se olhava

no espelho, pode que inclusive dandoa volta para ver como ficava.

Faith interrompeu seus pensamentos.

-O FBI está pensando em assumir o controle do caso disse.

-Estou seguro de que Amanda estará mais que contente.

-Não se estão comportando como uns gilipollas continuou Faith. Lhe estão dando tudo o que pede. Ninguém quer que este assunto nos explore na cara.

Wíll não disse o que pensava: já lhes tinha explorado na cara, fazia umas horas.

-Sigo imaginando-a com sua mãe.

-Isso é bom. Eu tratarei de fazer o mesmo.

-Mas sabe que é pouco provável.

-Não me importa se tiver que lhe dedicar o resto de minha vida, mas quero ver o Joe Jenner no cárcere disse Faith.

-Esperemos que seja assim.

-Não compreendo como te pode sentar diante desse casulo presunçoso sem lhe pegar até deixá-lo meio morto.

-Isso é o que ele queria assinalou Wíll. Por essa razão seguia os enchendo o saco. Em parte se devia a esse sentimento de superioridade, mas também à satisfação

de vê-los tão desenquadrados.

-É o único delito que não suporto disse Faith lhe devolvendo o sapato. O roubo, o assassinato, inclusive a violação... Mas um menino? -Moveu a cabeça.

É repugnante. Uma pessoa que faz algo como isso tem que estar muito mal da cabeça.

Wíll não soube o que responder. Parecia inútil mostrar-se de acordo.

Tornou-se sobre o respaldo e olhou o estacionamento subterrâneo. Durante os últimos trinta minutos, tinha repassado todos os passos que tinha dado desde

que começou a seguir ao Jenner. Voltou a fazê-lo. O policial. O vaqueiro da caminhonete vermelha. A carreira na garagem. O aspecto trocado do Jenner. Quanto tinha

demorado? Para tirá-la peruca e os óculos não deveu necessitar mais de dois ou três segundos, mas lhe dar a volta à jaqueta e desprender a perna da calça das calças

enquanto sustentava à menina já era outra coisa.

Abigaíl não se teria ficado quieta enquanto se trocava. Teria posto-se a correr. Disso estava seguro.

Entretanto, não tinham encontrado nada nos contêineres da garagem, nem a peruca nem nenhuma das coisas que tinha utilizado para disfarçar-se. Nem tampouco

nas escadas nem entre os carros. Pode que a pessoa a quem entregou a menina se levou todo isso, mas a pergunta seguia no ar: como tinha fugido? Tinham registrado

todos os carros que saíram, e todas as vias de escapamento estavam bloqueadas.

Havia algo que lhe escapava.

Vanessa Livingston tinha enviado a uma equipe para revisar todas as matrículas dos veículos que havia no estacionamento. Segundo seu carnê de conduzir, Jenner

tinha um Bentley Continental negro registrado a seu nome. Uma chamada ao vigilante do estacionamento do Ritz Carlton verificou que o Bentley estava estacionado na

zona da garagem para residentes.

Abigaíl não tinha saído oculta em um carro. Tampouco tinha saído em um veículo de serviço. Não estava no aeroporto. Estava no porta-malas de algum carro?

Tinha Jenner outro automóvel escondido no estacionamento? Seu plano de apoio consistia em colocá-la em um porta-malas e deixar que morrera asfixiada?

Ao Wíll lhe fez um nó na garganta. sentia-se afligido pela inutilidade de todo aquilo. A imprecisa imagem da menina com sua mãe desapareceu de sua mente

e foi substituída por uma mais nefasta. Tinha visto muitos meninos mortos. Era uma imagem que não te apagava da cabeça facilmente. Era o tipo de imagem que voltava

a aparecer quando te foste dormir, que se repetia uma e outra vez durante o resto de sua vida. Sobre tudo em momentos como esse.

Abigaíl.

por que não a tinha tirado ao Jenner? por que não tinha falado com ela nos asseios? O que teria passado se Jenner tivesse sido seu pai, seu padrasto, seu

avô ou seu tio? Se ele tivesse estado em sua pele, se ele tivesse uma filha e um policial lhe detivesse para perguntar o que acontecia com a menina, ao princípio

se teria incomodado, mas logo se haveria sentido agradecido de que um agente se preocupou por ela.

Faith, como de costume, leu-lhe o pensamento.

-Não tem feito nada mau.

-Devi ter falado com ela.

-Se eu estivesse no aeroporto e te agachasse para falar com minha filha, daria-te uma patada tão forte na cara que os olhos lhe poriam em órbita.

-Isso é diferente disse Wíll.

As mulheres eram muito mais precavidas com respeito aos meninos. Especialmente as que eram como Faith Mitchell, que pedia os antecedentes penais do carteiro

se lhe parecia que se comportava de forma muito amistosa.

-Não, não o é disse Faith. Fez o que pôde. Todos o estamos fazendo.

Detestou ouvir esse tom de derrota em sua voz, em parte porque refletia seus próprios sentimentos.

-Eu gostaria de repassar de novo tudo o que passou disse Wíll.

Faith assentiu, e ele começou a descrever os fatos desde o começo, lhe contando que estava sentado na taça do váter e lhe pôs o esparadrapo à cisterna para

que não funcionasse constantemente. Quando chegou à parte em que agitou os braços diante da câmara do túnel peatonal, levantou-se. Descreveu-lhe como encontrou o

sapato quando se dirigia para onde estavam nesse momento, diante das portas de saída.

Wíll a conduziu para a calçada enquanto continuava descrevendo o acontecido. A caminhonete vermelha. O vaqueiro. O policial que se deteve com o carro patrulha.

distraiu-se durante uns segundos e perdeu de vista ao Jenner e à menina.

-Havia um Prius prateado.

-Desde quatro portas?

Wíll assentiu.

-Ouvi que se detinha detrás de mim.

-Se o ouviu, então não ia muito lento assinalou Faith. Esse carro apenas se ouviria menos de vinte e cinco quilômetros por hora. Algo mais?

-O interior era de cor negra. Conduzia-o uma mulher. Olhei o porta-malas. A bandeja posterior estava arremesso. O

carro estava vazio. Tentou recordar o

aspecto da mulher, mas tudo tinha acontecido muito rápido. Tinha aberto a porta do carro e tinha cuidado do interior. Lhe dava um susto de morte disse-e saiu

apitando.

-Subiu por ali? perguntou Faith assinalando a levantada curva que havia ao final do ramal.

A estrada de quatro sulcos se estreitava até ficar em só dois ao unir-se ao tráfico procedente da parte superior. Logo a estrada voltava a ter um lance de

seis sulcos que permitia aos condutores, ou girar de novo aos terminais sul e norte, ou tomar a interestadual.

-Chama disse Will.

Faith já tinha a rádio posta na boca.

-Mitchell ao Livingston?

A voz da Vanessa Livingston soou imediatamente.

-10-4?

-Preciso ver a cinta da saída em que se vê um Prius prateado saindo pelo corredor do terminal Sul à hora aproximada do desaparecimento.

-Roger.

Faith soltou a rádio.

-Onde estava estacionado o Prius quando abriu a porta?

Wíll deu alguns passos e calculou sua posição.

-Aqui disse assinalando para a garagem. Quando voltei a ver o Jenner, estava por ali.

-Foi justo no momento em que me chamou por telefone?

-Sim.

-De acordo, retrocedamos disse Faith. Viu o Prius.

Correu para ele?

-Sim respondeu Wíll. Abri a porta e olhei no interior. Não havia ninguém, salvo a mulher. Moréia, acredito. ficou as mãos na cara. Como já te hei dito,

estava aterrorizada. Surpreendida. -Moveu a cabeça. Por esse motivo, os policiais odiavam as declarações das testemunhas presenciais. Quase noventa por cento das

vezes eram errôneas. Tinham acontecido tantas coisas desde que começou a seguir ao Jenner que já não estava seguro de que o Prius fosse de prateado. Como te hei

dito, o carro estava vazio. Pude vê-lo através do... Se deteve. Olhou à estrada e viu os carros dos sulcos superiores.

-O que acontece? perguntou Faith.

Wíll não respondeu. Saiu correndo e subiu pela estrada, seguindo o mesmo trajeto para a saída que tinha tomado o Prius.

Havia uma curva na estrada inferior, justo no lugar onde se unia com o tráfico que saía da entrada principal do terminal. Para evitar que os pedestres subissem

a estrada e acabassem atropelados por um carro, os jardineiros tinham plantado umas acácias negras, um arbusto capaz de resistir a contaminação e que produzia umas

flores brancas e cremosas, assim como uns espinhos pequenos mas muito afiadas na base de cada folha.

Wíll se abriu passo pela espessa folhagem, sem se preocupar com arranhá-las mãos. A jaqueta ficou pilhada em um ramo largo. O tecido ficou pega nos espinhos

como se fosse velcro.

-O que faz?

Wíll se tirou a jaqueta para poder avançar e entrar nos arbustos.

-O agente do TSA me disse que se demoram quinze minutos em fechar por completo o aeroporto. Ainda estávamos dentro desse prazo quando capturei ao Jenner.

Pode que o Prius conseguisse sair antes.

-Mas disse que o carro estava vazio.

-Estava-o quando o registrei. -Wíll subiu em cima de um ramo, esmagando as puas com o pé. Ambos se assustaram. O Prius arrancou, e Jenner se meteu correndo

na garagem. -Olhou ao Faith para ver se lhe seguia. A estrada torce justo ali. Eu retornei ao corredor para te chamar por telefone. Este é o único lugar onde pôde

lhe dar à menina sem que eu lhe visse nem a ele nem ao carro.

-E sem que lhe gravassem as câmaras de segurança disse Faith ficando as mãos nos quadris. A seguinte câmara registraria ao Prius na bifurcação que leva

até a interestadual.

Wíll estava sangrando por um dedo. limpou-se a mão nas calças e entrou mais entre os arbustos.

Então foi quando o viu: uma peruca troca cor castanha, um par de óculos negros de plástico, as pernas das calças das calças e, o pior de tudo, o vestido

estampado da menina com o cós rosa.

## Capítulo 5

-foi minha culpa disse Wíll a Amanda. Perdi de vista ao Jenner, e lhe dava a oportunidade de fazer a entrega.

-Já falaremos depois de seus possíveis enganos respondeu Amanda. Agora me fale outra vez da mulher do carro.

Ele moveu a cabeça. Cada vez que tratava de evocar as lembranças, sentia-se perdido.

-Acredito que tinha o cabelo escuro.

-Era uma mulher branca, negra ou verde?

-Branca.

-De que cor tinha os olhos?

-Levava óculos de sol. E pode que chapéu. -Wíll não sabia se o estava imaginando ou não. Não sei o que tinha posto. Não lhe vi nenhuma tatuagem nem marcas

de nascimento. Acredito que o interior do carro era negro. Não sei nada mais. Estava procurando a menina, e não me fixei. Era o único que me importava nesse momento.

Amanda estranha vez amaldiçoava, mas nessa ocasião disse:

-Mierda. Esta gente nos levou a dianteira todo o dia.

Vanessa Livingston saiu da “geladeira”.

-A câmara perde ao Prius quando sai do corredor, e o volta a focar na confluência. A pessoa que o conduzia evitou o fechamento por dois minutos. O Prius

tomou a 75 Norte, mas isso é tudo o que sabemos.

pudestes ver a matrícula?

-Parcialmente. O barro tampava todos os números, menos dois: o três e o nove, que além não estavam juntos. Introduzimo-los no sistema. Há uns mil e cem Prius

na cidade, e a metade deles são chapeados. É uma cor muito comum. Estamos investigando os que estão registrados em nome de uma mulher, assim ao menos teremos um

ponto de partida.

-Vá disse Amanda. Uma vez mais nos demos com um canto nos dentes.

-Vê-se sua cara em alguma câmara? perguntou Wíll. Possivelmente a possamos comparar com as dos passageiros do avião de Seattle.

-Não respondeu Vanessa. Se se tivesse metido em algum dos estacionamentos ou tivesse utilizado a planta superior, seria distinto.

Talvez é Eleanor Fielding? disse Wíll.

Amanda, em lugar de lhe pegar um tiro, espetou:

-Segue.

-Sua Mercedes saiu do aeroporto. Possivelmente deu a volta, estacionou em um lugar diferente, agarrou o Prius e retornou a pela menina. -Wíll recordou

como Jenner olhava por cima do ombro enquanto percorria o corredor. Estava pendente do tráfico que vinha.

-Jenner pôde fazer a entrega na planta de abaixo, trocar seu aspecto e...

Wíll terminou a frase por ela.

-Voltar a subir à planta de acima, entrar no terminal principal e tomar um táxi de volta a casa.

-Isso lhes ofereceria cobertura aos dois disse Vanessa. Se não ser porque Wíll os viu, não teríamos sabido o que aconteceu.

Amanda olhou seu relógio.

-Acredito que vai sendo hora de que volte com o Jenner. Adianta seu relógio outra meia hora.

Wíll não obedeceu imediatamente.

-Isso é muito.

-Você faz o que te digo. Isso pode marcar a diferença entre encontrar à menina com vida ou achar sozinho seu cadáver.

Wíll se sentou frente a Jenner com as mãos entrelaçadas. Seu relógio estava a plena vista, marcando uma hora e quinze minutos de mais. Era uma grande diferença,

mas Jenner levava naquela habitação quase quatro horas, que tinha passado olhando ao espelho ou dormitando. Não havia revistas, nem televisão, nem distração alguma,

por isso teria perdido por completo a noção do tempo.

Ao menos, isso esperavam.

Wíll olhou a hora. Sabia que Jenner não tinha comido.

-Já é quase a hora de jantar disse.

Jenner se encolheu de ombros.

-Se quiser, trago-lhe um perrito quente ou um sândwich de frango.

Jenner não respondeu. Estava de lado, sentado na cadeira. Tinha as pernas cruzadas. A boca tinha deixado de lhe sangrar, mas não apresentava bom aspecto.

Tinha o nariz e os olhos morados do golpe contra o chão. O queixo o tinha salpicado de sangue seca, e lhe tinha formado uma ruga em um dos lados da cara por haver-se

dormido com a bochecha apoiada no braço.

Não parecia assustado nem angustiado, solo aborrecido.

Wíll soltou um profundo suspiro. reclinou-se no respaldo da cadeira.

-Quer saber por que estava nos asseios?

Jenner levantou o queixo e olhou ao Wíll de reajo.

-É parte de uma operação encoberta para capturar aos homens que viajam de busca de sexo.

Jenner soltou uma gargalhada, mas pareceu arrepender-se quando a dor se aconteceu com o nariz torcida.

-Imagino que a polícia não terá nada melhor que fazer.

Wíll ignorou o comentário.

-Prendi um pastor a semana passada.

-Vá disse Jenner.

Wíll não mencionou o mal que se sentiu tendo algemado a aquele homem. Esse era o motivo pelo qual Amanda lhe tinha atribuído esse trabalho como castigo.

Todos os dias se sentia com vontades de retornar a sua casa para tirar-se tanta mierda de cima.

Entretanto, nada se podia comparar com o asco que sentia ao ter sentado diante ao Joe Jenner.

-Conviria-lhe fazer um trato disse Wíll.

Jenner se esclareceu garganta.

-Disse a meu cliente que não fizesse caso dos conselhos legais que lhe desse o homem que está tratando de lhe encerrar.

-Foi tão fácil lhe seguir acrescentou Wíll. Refiro a seu cliente.

Jenner pôs os olhos em branco.

-E a entrega no estacionamento não esteve nada mal. Sabe que encontramos seu disfarce?

Jenner não se moveu, o que significava que Wíll tinha dado no prego.

-Eleanor nos disse onde estava -mentiu. A temos na outra sala.

Jenner apertou os lábios.

-Minha chefe a está interrogando agora mesmo.

-Parece-me bem.

Não lhe fez nenhuma pergunta, mas Wíll se deu conta de que já não se sentia tão seguro como antes.

-Você é advogado, Joe. Não lhe escapa que a primeira pessoa que faz o trato é a que sai melhor parada. Eleanor já esteve no cárcere. Sabe o que é. Delatará-lhe.

É sozinho questão de tempo.

-De tempo? -Jenner olhou o relógio do Wíll, e logo o espelho unilateral. Tenho tempo de sobra.

-De verdade?

-Não vou falar mais com você.

-Refere-se a alguma vez mais ou é sozinho de momento?

Jenner olhou aos olhos, e logo uma vez mais ao espelho. Wíll não sabia quem estaria detrás. Levavam um bom momento jogando gato e ao camundongo. Era mais

aborrecido que olhar como se secava a pintura.

Jenner se esclareceu voz. Cruzou de novo as pernas e começou a tamborilar na mesa.

Wíll lhe olhou. Por fora parecia tão normal como qualquer outro homem de cinqüenta anos. O cabelo branco. um pouco de barriga. Um pouco de papada. Isso era

o mais curioso desses monstros, que tinham o mesmo aspecto que qualquer outra pessoa. Normalmente, trabalhavam em lugares onde podiam contatar com meninos. Desenvolviam

uma identidade falsa que dificultava sua captura. Empregavam todas suas argúcias para procurar a forma de ocultar-se, por isso resultava tão difícil desentranhar

a verdade quando lhes capturava.

Joe Jenner era um profissional. Tinha-o previsto tudo com antecipação, tinha estudado até o último detalhe e tinha ensaiado todos os possíveis cenários.

Não estava sozinho. Contava com uma equipe. Pode que solo fora Eleanor Fielding, ou talvez houvesse alguém mais. Fossem os que fossem, eram gente sofisticada, e

estavam coordenados. Não tinham feito isso de forma caprichosa. Tinham-no tudo muito calculado. E contavam com um plano de apoio. Tinham previsto todas as variáveis,

salvo que Wíll estivesse nos asseios.

Mas nem tão sequer isso os deteria.

Por essa razão era tão presunçoso? A gente não vive no Ritz Carlton e conduz um Bentley se se sentir inseguro, mas não havia dúvida de que tinha um exagerado

complexo de superioridade.

E por que não? O nome da Eleanor Fielding aparecia por todos lados: nos bilhetes de vôo e nas habitações do hotel. Ela era a que tinha embarcado com a Abigaíl

em braços. É certo que tinham imagens do Jenner com a menina, mas as podia pôr em interdição. Além disso, contava com o fato de que Wíll tinha saltado sobre ele

no estacionamento. Seu advogado poderia afirmar com facilidade que a polícia estava conspirando para proteger-se a si mesmo.

Quão único tinham era o testemunho do Wíll e algumas imagens granuladas. Jenner não lhe tinha feito nenhum machuco à menina, ao menos que pudesse demonstrar-se.

Tinhaa pego da mão quando se desceu do avião, levoua a asseio e, depois, ao estacionamento. Com um jurado benevolente, podiam-lhe cair entre dois ou três anos.

Se não encontravam a Abigaíl ou seu cadáver-, inclusive menos.

Mas estava a questão do tempo.

Resultava óbvio que esperava algo. Estava esperando até estar seguro de que seu cúmplice tinha cruzado a fronteira com a Abigaíl? Ou estava esperando a que

outro pedófilo se divertisse com ela enquanto ele fazia correr o relógio?

Alguém bateu na porta e ambos se sobressaltaram.

Faith fez um gesto para que Wíll saísse da habitação.

encontraram à mãe disse enquanto andava pelo corredor. Se chama Rebecca Brannon. Vive aos subúrbios do Post Falls, Idaho. Seu pai morreu no Iraque faz

cinco anos, em combate. A menina se chama Abigaíl Brannon. Tem sete anos.

Um agente uniformizado fez que entrassem na “geladeira”. No monitor principal se via um sinal de televisão da CNN. Logo apareceu uma mulher loira e de pele

muito branca sentada diante de uma fileira de microfones com diversos logotipos dos diferentes canais de notícias. Tinha os olhos morados e o lábio partido.

Wíll entrecerró os olhos e tratou de passar por cima os moratones para fixar-se no rosto da mulher. Ao menos tinha acertado em uma coisa: Abigaíl se parecia

com sua mãe.

-Golpearam à mãe e a ataram no porão durante dois dias explicou Faith. Disse que o homem que a atacou levava um pasamontañas, não disse nem fez nada, salvo

deixá-la inconsciente e levar-se a menina. Seu casal a encontrou quando retornou de uma viagem de negócios essa mesma tarde.

-Uma viagem de negócios? perguntou Wíll.

-Chama-se Paul Riggins. Vende instrumental médico para salas de cirurgia. A maioria de seus clientes são de Seattle.

-Seattle repetiu Wíll.

-Riggins conduziu até Seattle ontem pela manhã, e retornou hoje. Temo-lhe feito um seguimento através dos cartões de crédito. A que não imagina em que hotel

se hospedou ontem à noite?

Wíll respondeu com lentidão:

-No Hilton Seattle Airport and Conference Center?

-E o que é melhor. Registraram seu carro e encontraram trinta mil dólares em bilhetes debaixo da roda de repostos. Em bilhetes novos de cem dólares.

-Novos? -Wíll se deu conta de aonde queria chegar. A Casa da Moeda distribuía bilhetes em maços que podiam detectar-se mediante o número de série. Continua.

Faith não podia reprimir seu entusiasmo.

Todos os bilhetes se distribuíram no distrito seis.

Wíll desenhava um amplo sorriso. O distrito seis da Reserva Federal proporcionava os bilhetes para a Geórgia, Alabama, Flórida e algumas partes da Luisiana

e Tennessee.

-Quando foram postos em circulação esses bilhetes? perguntou.

-A semana passada.

-Muito pouco tempo para que chegassem a Seattle.

-Nem por indício. E embora o tivessem tido, não podiam pertencer ao mesmo maço e proceder do mesmo distrito quando chegaram à outra ponta do país.

Wíll notou uma sensação de alívio no peito. Com um pouco mais de tempo, Faith seria capaz de descobrir de que banco procediam. Se Joe Jenner era cliente

desse banco, podia-se convencer ao juiz para que assinasse uma ordem judicial para investigar suas contas bancárias. Até o melhor advogado do mundo teria dificuldades

para rebater o testemunho do diretor da Reserva Federal de Atlanta. Aos jurados adoravam esse tipo de provas.

-falou Riggins? perguntou Wíll.

-Não. Solicitou um advogado.

-Por favor, me diga que os agentes de Idaho pediram uma ordem antes de registrar o carro.

-Não fez falta respondeu Faith. Paul Riggins é um delinqüente sexual com antecedentes.

Wíll balbuciou uma maldição.

-Sabia a mãe?

-Não. -Faith voltou a olhar o monitor. Rebecca Brannon estava chorando e rogava que devolvessem a sua filha. Mas agora já sabe.

Capítulo 6

Uma vez mais, Wíll se sentou frente a Joe Jenner. Cruzou os braços, ocultando seu relógio. Marcava duas horas de mais. Era uma grande diferença, mas Jenner

tinha estado tanto momento naquela habitação nua que esperava que não se desse conta. No que se referia a ele, aquele dia tinha sido um dos mais compridos de sua

vida.

Finalmente, Jenner emitiu um comprido suspiro de aborrecimento.

-O que acontece?

-A fiscal de distrito da cidade de Atlanta está esperando fora.

Jenner permaneceu imperturbável.

-Está disposta a fazer um trato com você, Joe. Solo tem que nos dizer onde está a menina.

Jenner não respondeu.

Wíll lhe expôs as provas que tinham encontrado.

-Sabemos que Paul Riggins se levou a Abigaíl Brannon de casa de sua noiva ontem pela manhã. Ontem à noite, a entregou a você e a Eleanor Fielding no Hilton

Seattle Airport and Conference Center. Você lhe deu trinta mil dólares à vista em troca da menina.

-Não tem nenhuma prova disso.

-Encontramos os números de série, Joe. Não deveria usar dinheiro novo para esse tipo de transações.

-Não sei do que está falando.

Wíll lhe repetiu o que Faith lhe havia dito uns minutos antes.

-A Reserva Federal de Atlanta enviou uma remessa de bilhetes novos de cem dólares ao Banco da América. Este o repartiu entre suas sucursais. É dinheiro,

por isso são muito cuidadosos com ele. Rastreiam os números de série e sabem onde estão os diferentes bilhetes. Dessa forma descobrimos que o dinheiro que deu ao

Paul Riggins o tirou de três sucursais diferentes do Banco da América. -Voltou a cruzar os braços por diante e acrescentou: conseguimos que um juiz emita uma ordem

para investigar suas contas. A semana passada tirou dez mil dólares de três contas diferentes em três sucursais distintas.

Durante uns instantes, Jenner pareceu surpreso.

-Não acredito que possam demonstrá-lo.

-Está seguro? -Wíll teve que reprimir um sorriso. Gostava de escutar o medo na voz do Jenner, por muito rápido que se dissipasse.

-Roubaram-me.

-Pôs uma denúncia?

-Não tive tempo.

-Deixou que desaparecessem trinta mil dólares? -Wíll negou com a cabeça. Para começar, me diga de onde os tirou.

-Isso não é assunto de ninguém.

-Não se esqueça de dizer-lhe ao jurado -sugeriu Wíll. Foi tão preparado que se assegurou de não tirar mais de dez mil dólares de cada banco. Como é um advogado

tributário, sabe que o banco tem que informar de qualquer transação superior a dez mil dólares. E sabe que, nos vãos nacionais, o TSA não pode limitar legalmente

a quantidade de dinheiro com a que se viaja.

Jenner fez como se se tirasse um penugem da jaqueta.

-Eleanor Fielding foi a que subiu a Abigaíl ao avião. A menina estava drogada. Imagino que Paul Riggins lhe deu sedativos, já que se passa o dia entrando

e saindo dos hospitais. Abigaíl dormiu durante todo o trajeto. Você estava sentado duas filas mais atrás, mas não lhe tirou a vista de cima, embora para isso tivesse

que beber uma cafeteira inteira. -Wíll fez uma pausa para assegurar-se de que Jenner assimilava toda a informação. Você tirou a Abigaíl do avião. Tinha o tempo

justo, mas a menina precisou ir ao lavabo.

Jenner fez gesto de dizer algo. Wíll se deu conta de que tinha estado a ponto de fazer um comentário sarcástico sobre sua pequena bexiga, mas logo trocou

de opinião.

-Eleanor recolheu sua Mercedes no terminal Norte, logo se dirigiu ao terminal Sul e o trocou pelo Prius. -Essa tinha sido a última peça do quebra-cabeças.

Com uma busca rápida nos registros, tinham localizado o Mercedes onde Wíll supôs que estaria. Enquanto isso, você tirou a Abigaíl do aeroporto através do corredor

subterrâneo. supunha-se que a entregaria ali, mas me viu e se assustou.

Jenner arqueou as sobrancelhas. Tentava aparentar indiferença.

Teve que improvisar. meteu-se na garagem, ocultou-se detrás de algum carro até que olhei para outro lado, e logo entregou a Abigaíl na parte superior da

rampa. Não pude ouvir o ruído do motor porque o Prius ia muito lento.

Jenner esperou.

-Ali é onde encontramos a peruca e os óculos. Trocou de aspecto pensando que assim poderia voltar para aeroporto, agarrar um táxi e dirigir-se ao seguinte

lugar de encontro. -Wíll se inclinou para diante, reduzindo o espaço que havia entre eles. Não vai se sair com a sua, o asseguro.

Jenner continuou em silêncio.

-Nos diga onde está a menina, Joe. É a única forma de que evite passar uma larga temporada no cárcere.

Jenner optou por seguir calado.

-Mais lhe vale que a encontremos viva disse Wíll com a esperança de despertar o interesse do Jenner. Se estiver morta, o forense mostrará as fotos do cadáver

ao jurado e lhe explicará cada detalhe do que lhe tenham feito... -Wíll se preparou para as coisas tão horríveis que ia dizer a seguir. Lhes ensinará os moratones

que lhe fez nas bonecas quando a agarrou, e os comparará com as imagens que temos de você

arrastando-a pelo terminal. Mostrará as feridas que se fez no joelho quando

tropeçou no túnel. As imagens o respaldarão. Ensinará-lhes seu sapato, que perdeu. -Wíll tirou o pequeno sapato de seu bolso e o pôs em cima da mesa. O jurado verá

as imagens de como a obrigou a seguir adiante quando ela tentou recolher seu sapato. Pode que o forense tenha fotos do dano que lhe fez no braço ao atirar dela.

Jenner baixou os olhos, mas não olhava o sapato, a não ser o relógio do Wíll. O ponteiro de relógio principal marcava as sete.

Jenner esboçou um olhar de satisfação.

-Queroo por escrito disse.

Wíll ficou tão surpreso de que tivesse chegado a hora assinalada que não soube o que responder.

-Direi-lhes onde está retida a menina, mas não irei ao cárcere. Nem quero que meu nome apareça na lista de delinqüentes sexuais.

-Você sabe que não pode evitar o cárcere.

-Posso evitar o que for se querem encontrar viva à menina. Lhe diga a fiscal que venha disse Jenner olhando

para a porta. E eu, em seu lugar, daria-me  
pressa. O tempo corre.

Wíll se levantou da mesa. Em lugar de sair, esperou a que se abrisse a porta. Entraram Anna Ward, a fiscal do distrito de Atlanta, Vanessa Livingston e Amanda

Wagner.

Jenner levantou as mãos algemadas e disse ao Wíll:

-Me tire isto.

Wíll se meteu a mão no bolso para procurar a chave. Tirou enquanto Amanda fechava a porta.

-Senhor Jenner disse Anna Ward, alisando a saia antes de sentar-se à mesa. Abriu uma pasta que continha três documentos. Me chamo Anna Ward, sou a fiscal

da cidade... Espero que não lhe importe se nos saltamos as apresentações. Como sabe, dispomos de pouco tempo.

Jenner sorriu, mostrando seus dentes partidos.

-Justamente o contrário. Eu tenho todo o tempo do mundo.

Anna lhe ensinou o primeiro dos documentos. Tinha o selo vermelho, dourado e negro do Departamento de Polícia de Atlanta estampado na esquina superior.

-Este documento autoriza sua liberdade imediata do recinto do Aeroporto da Polícia de Atlanta, e lhe garante que o departamento não apresentará nenhum cargo

contra você. Está assinado pela comandante Vanessa Livingston. -Passou a seguinte Este página confirma que a cidade de Atlanta não exigirá que seu nome apareça na

lista de delinqüentes sexuais, e que não apresentará cargos contra você por seqüestro, transporte, tráfico ou qualquer outro delito relacionado com a Abigaíl Brannon.

-Passou à última página. Este documento especifica que o acordo está sujeito a que nos dirija à localização exata da menina.

-Quão único posso lhes dizer é aonde a levaram.

-Sabemos, senhor Jenner. Se ler esta linha pôs o dedo nas palavras correspondentes-, observará que o único que se requer de você para que se cumpra o acordo

é que diga toda a verdade do que sabe. Enquanto nos conta a verdade, o acordo é lhe vincule. Tirou uma caneta do bolso da jaqueta e o deu ao Jenner.

-Não vamos tão depressa disse ele.

Tomou seu tempo para ler os documentos. Leu cada linha de cada página. Wíll olhava seu relógio. Transcorreram cinco minutos antes de que Jenner se assegurasse

de que o documento não continha nenhuma armadilha.

-De acordo disse, agarrando a caneta. Assinou cada uma das páginas e logo as devolveu a Anna.

Ela também as assinou.

Amanda interveio.

-Onde está a menina, senhor Jenner?

Apertou os lábios, desfrutando da tensão que reinava no ambiente.

-Está retida no Lakewood Arms Hotel. Na habitação 215.

Estava a menos de quinze quilômetros de distância.

-Dirijam-se ali! gritou Vanessa dando uns golpes no espelho unilateral, embora Wíll estava seguro de que sua equipe já se pôs em marcha.

Jenner agarrou os documentos e os dobrou pela metade.

-Suponho que devo partir e deixar de incomodá-los.

-Há meio doido você à menina? perguntou Wíll.

Jenner olhou a Anna Ward.

-Está obrigado a dizer a verdade, senhor Jenner. Esse é o acordo.

-Por desgracia, não admitiu.

Wíll ficou tenso. Desde não ter sido porque Amanda lhe pôs uma mão no ombro para lhe acalmar, teria lhe tornado a estampar a cara contra o chão.

-Acredito que isso é tudo. -Jenner se meteu os documentos no bolso da jaqueta e se levantou da mesa. Quando se vão dar conta de que vocês não são o bastante

inteligentes para jogar a este jogo?

Trinta mil dólares disse Isso Wíll é o que vale a vida de uma menina?

Joe olhou de novo a Anna Ward.

-A verdade, não?

Ela teve que esclarecê-la voz antes de responder.

-Sim.

-Acredito que é um preço razoável por seu transporte e alojamento disse soltando um suspiro de satisfação. Já sei que o Lakewood Arms não é grande coisa,

mas lhe tinha preparado uma noite deliciosa para nossa primeira entrevista.

Wíll apertou os punhos.

-Filho de puta.

Jenner esboçava seu sarcástico sorriso.

-Eu iria correndo ao Lakewood, agentes. Eleanor faz uma hora que me estava esperando, e imagino que já estará a meio caminho da Flórida. dirigiu-se para

a porta, como se tivesse pressa. Flórida. Um lugar agradável para uma primeira entrevista, não? -Pôs a mão no fecho da porta.

-Aonde vai? perguntou Amanda.

-A casa respondeu Jenner. foi um dia muito comprido.

-Já me imaginava, mas...

Amanda se aproximou até onde estava e abriu a porta. Um homem grande e corpulento, vestido com o uniforme de xerife, bloqueava a saída; era tão grande e

largo como um armário.

Amanda fez as apresentações.

-Senhor Jenner, apresento ao Phil Peterson, o xerife do condado do Clayton. Não pode ver detrás dele, mas o xerife do Fulton e o FBI também estão lhe esperando para falar com você.

-O... Jenner tirou os documentos do bolso. Você me deu sua palavra de que...

-Senhor Jenner interrompeu Vanessa Livingston querendo ser primeira em regozijar-se. Pensava que como advogado tributário estaria familiarizado com os

conflitos de interesses entre as diversas jurisdições? -Fez uma pausa por uns instantes, como se esperasse uma resposta. As instalações do aeroporto abrangem as

regiões não incorporadas de dois condados e três cidades. - Fez uma nova pausa para dar mais ênfase ao que dizia. Logo assinalou ao chão. Neste momento, encontra-se

na cidade de Atlanta. Como comandante dessa zona, ordenei sua posta em liberdade. Tem minha assinatura nesse papel, e como vê não estou fazendo nada para impedi-lo.

-Nem eu tampouco acrescentou Anna Ward. A cidade de Atlanta cumprirá com o acordo, e não apresentaremos nenhum cargo contra você.

-Não compreendo disse Jenner elevando o tom de voz.

Vanessa o explicou:

-O terminal C se encontra no Hapeville, que pertence ao condado do Fulton. Seu trajeto no trem subterrâneo fez que acontecesse as zonas não incorporadas

do condado do Clayton. Em seu viajecito pelo corredor do lado sul entrou no College Park, que fica dentro dos limites do condado do Fulton. Atiraram uma moeda ao

ar e o xerife Petterson foi quem ganhou, assim será o primeiro em apresentar cargos contra você.

Amanda tomou a substituição.

-O Escritório de Investigação da Geórgia também querará falar com você no referente ao transporte de meninos através dos limites do condado. E como também

cruzou as linhas estatais (muitas, por certo), isso lhe põe no ponto de olhe do FBI. -Amanda imitou à perfeição o sorriso sarcástico do Jenner. Espero que compreenda

o que lhe digo, señor Jenner. Sempre resulta um prazer falar com alguém que tem um pouco de crânio na cabeça.

O xerife Phil Peterson tirou as algemas. Era uns trinta centímetros mais alto que Jenner e o dobro de corpulento. Sua profunda voz de barítono retumbou nos

tímpanos do Wíll quando, dirigindo-se ao Joe Jenner, disse:

-Date a volta, listillo. Agora vai ou seja o que é que lhe arrastem pelo aeroporto.

## Capítulo 7

Wíll perambulava de um lado para outro debaixo das portas do terminal E. No interior havia uma pequena zona

de espera, mas se sentia muito nervoso para estar confinado. Inclusive o amplo espaço aberto do exterior lhe resultava escasso.

Desejava que todo aquilo se acabasse de uma vez. Queria ver a Abigaíl ao lado de sua mãe. E a aqueles delinqüentes no cárcere. Desejava retornar a casa com

sua noiva e passar o resto da noite escutando a suave cadência de seu coração.

Deteve-se o ver que um avião aterrissava. Viuo deslizar-se pela pista, e logo girar para outra dos terminais. Voltou a caminhar, pensando em todas as pessoas

que estavam no aeroporto e que ignoravam o que tinha passado aquele dia. Surpreendeu-lhe que o mundo seguisse girando sobre seu eixo. Os aviões de fuselagem larga

estavam estacionadas de frente nos hangares, alinhados como soldados, preparados para os vôos internacionais. Os carrinhos bagageiro estavam guardados. Os reboques

de cáterin, sobre as elevadoras de tesoura. Estavam carregando a bagagem. As assistentes de vôo já tinham embarcado. de vez em quando, via-se sair a algum piloto

que examinava cada milímetro do avião para realizar a inspeção de segurança antes de empreender o vôo.

Tudo se desenvolvia como se não tivesse acontecido nada.

Wíll olhou a hora. assustou-se momentaneamente, antes de dar-se conta de que não se incomodou em atrasá-la.

Abigaíl Brannon estava a salvo. Isso era o único que lhe importava nesse momento. Faith tinha chamado do hospital para lhe fazer saber que tinham examinado

à menina e que se encontrava bem. Quão único tinha eram alguns arranhões e moratones.

Não se podia dizer o mesmo da Eleanor Fielding, que teve um mau pressentimento e tentou escapar. Um batalhão de policiais a tinha açoitado através do Lakewood

Arms. Finalmente, subiu-se a um dos balcões e tinha ameaçado saltando. Quando viu que ninguém mostrava o mais mínimo interesse em impedir-lhe cumpriu com sua promessa.

Por desgraça, tinha sobrevivido a uma queda do terceiro piso. quebrado-se as pernas e a pélvis, mas se recuperaria. Mesmo assim, passaria o resto de sua vida na

prisão.

Ao igual a Joe Jenner.

Wíll não podia conter um sorriso cada vez que se lembrava de seu olhar de consternação. Os mais listillos sempre eram os que terminavam assinando sua própria

sentença.

Abriam-se as portas. Um trabalhador da equipe terrestre saiu. O colete de cor laranja lhe pendurava amplamente ao redor da cintura. Saudou o Wíll e foi

para os homens que esperavam a seguinte chegada, para recolher a bagagem.

Wíll estava cansado de andar e se apoiou na parede. Doíam-lhe a cabeça e as costas. Além disso, estava seguro de que de tanto respirar óleo diesel acabaria

com um câncer de pulmão.

Sentia-se aturdido pelo cansaço, a ansiedade e o alívio.

Tirou do bolso o sapato da Abigaíl Brannon. Tinha encontrado um pouco de cola e lhe tinha pego o cóis. Tinha pego o outro sapato da bolsa que continha as

provas e os tinha dado ao Faith. Duvidava que a menina queria lhe ver. Tinha visto o Wíll em duas ocasiões: nos asseios e no trem. E ambas as vezes lhe tinha cuidadoso

com pena, como se lhe pedisse que a resgatasse, e lhe tinha falhado.

Logo, ao menos, estaria em braços de sua mãe. depois disso, deixaria de chamar “anormais” aos freaks da new age. Ele tinha visualizado a Abigaíl Brannon

em braços de sua mãe, e isso era justo o que ia acontecer.

Um agricultor rico de Idaho tinha deixado que utilizassem seu avião privado para que Rebecca Brannon pudesse voar diretamente a Atlanta para reunir-se com

sua filha. Tinham-lhe concedido uma permissão especial ao piloto para que se desviasse ao terminal E, para evitar que a imprensa as incomodasse.

Wíll podia imaginar o que estava passando pela cabeça dessa mulher. O vôo durava algo mais de quatro horas. Era muito tempo para lhe dar voltas à idéia de

que o homem com o que tinha estado saindo, Paul Riggins, tinha vendido a sua filha a uma rede de pedófilos. Provavelmente, passaria os próximos dez anos na prisão.

Dez anos.

Ao Wíll parecia muito pouco. Esses bodes nunca tinham o que se mereciam. Em sua opinião, era o único delito que merecia a pena de morte. De fato, teria defendido

que se instituía um pelotão de fuzilamento se lhe tivessem permitido apresentar-se voluntário para executar ao Joe Jenner.

Jenner já estava planejando sua estratégia. Tinha contratado a um dos melhores advogados do estado. Provavelmente lhe cairiam cinco anos. Os rumores sobre

o que acontecia aos pedófilos na prisão eram certos, mas insuficientes para satisfazer os desejos do Wíll.

As portas voltaram a abrir-se. Amanda e Vanessa saíram ao mesmo tempo, falando em voz baixa. Tinham trabalhado juntas durante mais anos dos que Wíll tinha,

e compartilhavam esse laço que une a quão soldados resultaram feridos na mesma batalha.

Vanessa sustentava uma rádio de polícia na mão. Soou assim que as comporta se fecharam. ficou o auricular no ouvido e assentiu, como se a pessoa que estava

ao outro lado pudesse vê-la. Finalmente, dirigiu-se ao Wíll e disse:

-O avião acaba de aterrissar. Faith já está baixando com a menina. Há muitos jornalistas que reservaram bilhetes para

poder entrar no terminal.

ouviram rumores de que chegarão ao terminal T acrescentou Amanda.

Vanessa sorriu.

-Eu gostaria de saber quem o há dito. -Lançou-uma piscada ao Wíll enquanto se dirigia aos trabalhadores da equipe terrestre.

Amanda ficou com ele. Observaram que um avião pequeno se encaminhava para as portas. Tinha um enorme logotipo verde em um dos lados. Wíll não pôde decifrar

as letras, mas, pelo desenho de um caule amarelo de milho que havia no centro, deduziu que era o avião do acomodado agricultor de Idaho.

-E a gente diz que um por cento não cumpre com seu trabalho disse Amanda.

Wíll não estava para brincadeiras. De fato, não poderia voltar a respirar até que Abigaíl e Rebecca Brannon estivessem juntas.

O motor rugiu quando o avião girou em direção para onde se encontravam, com o focinho apontando ao peito do Wíll. O aparelho se parou um momento, logo avançou

uns metros para diante e se deteve. O motor se apagou. Um dos trabalhadores estendeu um tapete de cor azul. A porta do avião se abriu; umas escadas se desdobraram

como se fossem uma língua.

O piloto foi o primeiro em sair, seguido de um ancião, provavelmente um avô. apoiava-se sobre um fortificação. O piloto lhe tendeu a mão para lhe ajudar

a baixar. Quando o ancião se encontrava sobre a pista, girou-se e fez um gesto com a mão para que saísse o seguinte passageiro.

Wíll reconheceu a Rebecca Brannon da conferência de imprensa. Em pessoa parecia inclusive mais frágil. Tinha os olhos quase negros, o nariz e o tornozelo

partidos. Andava com muletas, e os dois homens tiveram que ajudá-la para baixar as escadas.

-É um bonito final disse Amanda.

-Não deveria ter ocorrido nunca.

-Olha-o do lado positivo. Os casos como este quase nunca saem bem.

Vanessa tinha de novo a rádio pega ao ouvido. Corria diante dos Brannon e deu ao Wíll seu cartão.

-Corre à parte das escadas para que Faith possa entrar. Não acredito que sua mãe possa fazê-lo.

Wíll pensou que não era a pessoa mais adequada, mas estava muito cansado para discutir. Entrou no edifício, tomando um momento para fazer-se à idéia. As

labirínticas partes internas do aeroporto eram mais confusas do que podia imaginar a gente. Encontrou as escadas de metal fora de uma escorada porta de incêndios.

Subiuas de dois em dois, fazendo ressonar seus sapatos sobre o metal. Na parte superior, viu uma porta fechada com uma janela estreita. Faith lhe estava olhando,

com uma expressão de preocupação no rosto.

Retrocedeu para que Wíll pudesse abrir a porta.

Wíll ficou imóvel na parte superior das escadas, incapaz de mover-se. Esperava que a menina estivesse muito cansada para lembrar-se dele, e esperava que

desejasse tanto estar com sua mãe que não lhe olhasse com esses olhos tão tristes que tinha visto horas antes.

Entretanto, Abigaíl não se encontrava em nenhum estado parecido. Tinha o olhar fixo no chão e parecia tranqüila, muito tranqüila.

Wíll olhou ao Faith.

-Deram-lhe algo para acalmá-la explicou Faith.

Wíll se ajoelhou no degrau superior para poder olhá-la.

-Sua mãe está te esperando disse.

Ela não se alterou. Parecia não ter interesse em ver sua mãe nem a ninguém.

-Carinho, não quer ver sua mãe? perguntou Faith.

Abigaíl encolheu seus pequenos ombros. Tinha os olhos frágeis; o rosto, imperturbável. Levava posta uma camiseta larga que lhe chegava por debaixo dos joelhos.

Resultava óbvio que Faith a tinha comprado na loja de presentes do hospital. Ainda tinha as rugas de ter estado

dobrada no pacote. Também levava um par de sandálias de hospital, com a etiqueta posta. Não lhe viam os dedos dos pés, pois não estavam feitas para meninos.

Wíll tirou seus sapatos do bolso. Os olhos da menina brilharam ao reconhecê-los. Sem dizer nada, apoiou uma de suas mãos sobre o ombro do Wíll, tirou-se

as sandálias e levantou o pé. Wíll lhe pôs seu sapato do Hello Kitty. A menina se apoiou com a outra mão e levantou o outro pé. Wíll teve que colocar o dedo por

detrás do talão para que lhe entrasse. O excesso de cola tinha feito que a parte traseira do sapato ficasse rígida.

-Está preparada? perguntou Wíll.

A menina não respondeu. Ele se inclinou para olhar a de frente. dispôs-se para ver aquela expressão triste que lhe tinha chegado ao mais fundo, mas o que

viu foi assombro.

-Eu te vi sussurrou a menina-Eu te vi antes.

Wíll notou que se o fazia um nó na garganta. Não pôde dizer nada, salvo assentir.

-Vi-te no quarto de banho e te vi no trem.

Wíll teve que fazer um esforço para responder.

-Sim, sei.

Os olhos da menina se empanaram. Ele pensou que ia se pôr-se a chorar, mas Abigaíl esboçou um amplo sorriso.

-Sabia que você me salvaria lhe disse. Vi que me olhava e soube que me salvaria.

Wíll exalou todo o ar de seus pulmões. Não se tinha dado conta de que tinha estado contendo a respiração até aquele momento.

-Sabia repetiu a menina. Estava segura.

Rodeou com seus braços ao Wíll, que lhe devolveu o abraço. Notou seus ossudos cotovelos e suas bonecas quando a agarrou em braços e baixou com ela as escadas para levá-la junto a sua mãe.